



**CONVERSAS SOBRE
A TERCEIRA IDADE**

OU

**FRAGMENTOS PARA
UMA GERONTOLOGIA**

Prof. Agostinho Both

Agostinho Both

**Conversas sobre a terceira idade
ou fragmentos para uma gerontologia**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Agostinho Both

**Conversas sobre a terceira idade
ou fragmentos para uma gerontologia**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, Educação. -Passo Fundo: Editora UPF. 1990. 64p.; 21cm..

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 18/03/2013

B749c Both, Agostinho

Conversas sobre a terceira idade ou fragmentos para uma gerontologia [recurso eletrônico] / Agostinho Both.
– Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-79-0

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Envelhecimento – Aspectos psicológicos. 2. Idosos – Aspectos sociais. 3. Gerontologia. I. Título.

CDU: 613.98

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
PARA UMA GERONTOGOGIA	11
1-Introdução.....	11
2- Conceito.....	12
3- Relações de Gerontogogia com outras Ciências	13
4- Referências para a Gerontogogia	13
5- De alguns Princípios e Hipóteses para a Gerontogogia	15
6- Conclusão.....	19
A TORRE DE BABEL E A GERONTOGOGIA	21
UM PEQUENO DISCURSO SOBRE A GERONTOGOGIA.....	24
IDENTIDADE E TERCEIRA IDADE	27
1-Aqueles que Andam entre o Passado e o Presente	27
2-Aqueles que Tem Vida em Abundância	29
3-Aqueles que Sozinhos estão em Paz e Meditam.....	30
4-Aqueles que tem Generosidade e Inspiração	31
5-Aqueles que Fazem a Oração do Coração	32
6-Aqueles que Devem se Reinventar	33
7 – Aqueles que Ponderam e Guardam o que é Importante.....	35
8 – Aqueles que Descobrem uma Nova Linguagem para o Amor	36
AUTOIMAGEM NA TERCEIRA IDADE	38
1º Jovial aceitação das virtudes e limites próprios da idade	40
2º Redefinição de um projeto de vida.....	41
3º Valorização do Passado e do Presente	41
4º Uma sensível Visão do Momento.....	42
5º O lugar que a história sempre indicou para os mais velhos	43
6º A fé como sustento não faz mal a ninguém	43
REINVENÇÃO DO TEMPO.....	45
Alguns Mecanismos Sociais na Reinvenção do Tempo	48
1º Sob o ponto de vista daqueles que tem uma casa com significativos laços de amizade.....	49
2º Sob o ponto de vista daqueles que estão sozinhos.....	50
3º Sob o ponto de vista daqueles que estão asilados.....	50
UMA REVELADORA PESQUISA.....	52

OS ESTUDOS OU CURSOS NA TERCEIRA IDADE	58
1-Introdução.....	58
2-Metodologia	59
3- Dos Conteúdos	62
4- Conclusão.....	64
CIDADANIA- IONSERÇÃO SOCIAL- TERCEIRA IDADE	65
AS ALEGRIAS NA TERCEIRA IDADE.....	71
CONVERSA FINAL	76

APRESENTAÇÃO

“Um pássaro sozinho não faz a madrugada, mas uma passarada sim”.

Com este apelo poético, Agostinho Both conclamou a população senescente, presente no I Seminário Regional sobre a Terceira Idade, promovido pela UPF em 1990, a resgatar, com brio e inteligência, a cidadania do idoso.

“Conversas sobre Terceira Idade” é o primeiro fruto do Centro Regional de Estudos e Atividades para Terceira Idade – CREATI, resultado de um trabalho apaixonado do autor, das suas leituras e observações em busca de uma segura esperança para aqueles que buscam envelhecer com dignidade.

Em linguagem acessível, impregnada de calor humano, o autor expõe uma mazela da moderna sociedade ocidental: envelhecer equivale a uma condição de marginalidade, de reclusão, de alijamento do progresso produtivo, de um sentimento generalizado de desprezo. Mas ele não fica apenas na constatação. Ele vai adiante, pois acredita existir uma forma de se preparar para a chegada da velhice e continuar vivendo com sabedoria, bom senso, saúde e dignidade. Propõe, para isso, a Gerontogogia, ou seja, a ciência e a arte de conduzir e conduzir-se na terceira idade. Objetiva, com uma pedagogia para a senectude, suscitar um aprofundamento estudo sobre a condição do envelhecimento e as e as formas de se chegar, sem traumas, a esse período de vida.

A queda acentuada no índice de natalidade e aumento na expectativa de vida, resultante dos contínuos avanços da Medicina, mudam o perfil da nossa população e colocam-nos frente a um fato inapelável: o Brasil está envelhecendo. Hoje os idosos são dez milhões. Serão 16 milhões no ano 2000 e 32 milhões em 2025.

Urge, pois, que nos preparemos para lidar com esta nova realidade, admitindo o idoso como “categoria social”, outorgando-lhe o direito de desfrutar digna e livremente a fase outonal da vida, aproveitando suas potencialidades criadoras para realizar projetos vitais que ficaram pendentes no decorrer da vida produtiva. Como chegar a isso? “Conversas sobre a Terceira Idade” é um bom caminho...

Lucia Terezinha Saccomori Palma.

PARA UMA GERONTOLOGIA

1-Introdução

Esta nova arte-ciência^{*1} está sustentada na natureza do objeto que busca explicitar as bases e as formas de conduzir a velhice e nela cada um tomar as melhores orientações.

Não havia uma sabida preocupação até bem pouco tempo atrás a respeito dos mais velhos, uma vez que era exíguo o número deles e não havia meios e informações adequadas para subdisiá-los no que diz respeito a orientações para garantir uma longevidade e, o que mais interessa neste tema, conceder qualidade de vida na terceira idade.

Nenhum termo até agora existente contempla a contento a realidade de conduzir os mais velhos ou de estes se conduzirem. De outra parte, a orientação assim como um sistema coerente de princípios sobre a terceira idade necessitam de um conceito que represente essa realidade. Ao se falar de uma pedagogia para a terceira idade, corre-se o risco de associar a arte e ciência de conduzir as crianças aquela que diz respeito às formas de orientar os mais velhos. Na verdade, o conceito de pedagogia compreende, etimologicamente, a orientação das crianças, perfazendo uma realidade própria, inconfundível com aquela dos mais velhos.

*Arte-ciência: arte, porque exige o desenvolvimento de habilidade; ciência, porque pressupõe conhecimento.



2- Conceito

Se a longevidade é um fato não o é ainda o entendimento das formas de encaminhá-la. (GERWN 9TOS)- AGV (grego) = velho – conduzir= gerontogogia). A etimologia da palavra resume a pretensão de se congregam os esforços de uma ciência nova que tem por objeto a educação na terceira idade. Essa ciência pretende auxiliar os educadores e políticos em seus ofícios na sorte das pessoas mais velhas. No Ocidente, os costumes educacionais tiveram como questão vital a produção através do trabalho e do poder social. Todo esforço foi feito para que a criança e o jovem fossem preparados para ter poder e/ou trabalho,. Essa pretensão se esgotaria na vida adulta. Entretanto, dadas as conquistas em torno da saúde, avoluma-se o número daqueles que se afastaram ou foram excluídos do mercado de trabalho e do poder: são aqueles que envelhecem sem saber ao certo qual é seu lugar, ou quais são os seus costumes. Portanto, faz-se necessária uma ciência que explicita a humana tarefa de envelhecer de acordo com sua natureza, organizando-se um saber que revele as ações sociais que concorrem ao bem-estar. A gerontogogia, dada à natureza das pessoas que envelhecem, pode ser entendida sob duas formas: a primeira compreende o conjunto de ações sociais consistentes e coerentes que permitam a orientação dos mais velhos a exercerem as suas tarefas a ponto de os tornarem satisfeitos. A segunda compreende o conjunto de atitudes pessoais por parte dos mais velhos no intento de obterem a auto-realização. Os mecanismos sociais facilitadores de uma velhice feliz são básicos para que os mais velhos possam lidar consigo mesmos com atitudes generosas. Assim, sendo, pode-se definir a gerontogogia como a ciência e a arte de conduzir e conduzir-se na terceira idade.



3- Relações de Gerontogogia com outras Ciências

Cada vez mais, tem-se a compreensão de que nenhuma ciência pode ser entendida isoladamente. Principalmente as ciências humanas devem realizar sadio intercurso para terem uma compreensão a mais honesta possível do fenômeno humano. A psicologia necessita da sociologia, esta da antropologia e esta da arqueologia. Todas elas devem ter uma visão filosófica que tenta orientar para os fins primeiros e últimos do existir humano.

A primeira ciência da qual a gerontogogia faz uso é a gerontologia. Ou melhor, a gerontogogia pode ser entendida como parte da ciência gerontológica tendo seu objeto, entretanto, circunscrito nas ações que concorrem para a realização pessoal e social dos mais velhos.

A filosofia é outra área do conhecimento humano importante no embasamento das ações a serem desenvolvidas.

A Medicina, a Educação Física, a Odontologia e outras ciências paramédicas concorrem significativamente no gerenciamento da vida na terceira idade e são apoios para os educadores preocupados com a velhice dos outros ou com a sua própria.

A Antropologia, a História e a Sociologia podem auxiliar no entendimento comparativo das construções realizadas sobre a terceira idade, para que possam ser exauridas as mais consistentes orientações.

4- Referências para a Gerontogogia

Nada de subsistente pode ser gerado em ciências humanas sem um consistente objeto, nem tampouco, em educação, ação alguma terá

consistência sem uma razoável fundamentação. É o que a seguir se pretende.

Havia um consenso mais ou menos implícito de que, a partir dos sessenta anos, haveria uma significativa degradação das faculdades psicológicas e das funções orgânicas. Sabe-se, entretanto, que tal situação está adstrita às circunstâncias e não necessariamente à natureza das pessoas que envelhecem (1 p. 41). Isso significa que, se aos mais velhos for permitida uma vida com subsistente interesse e disposição para ações estimulantes, é provável que raros serão aqueles que chegarão aos 80 anos com algum comprometimento em virtude da sanidade. Vale, portanto, dizer que uma ação educacional estimulante pode qualificar a vida dos mais velhos.

É interessante ainda avaliar que é incipiente o esforço das comunidades, mesmo as de países mais adiantados, na abordagem de situações mais convenientes ao desenvolvimento da personalidade na terceira idade. A educação continuada com vistas à inserção mais saudável dos mais velhos está iniciando. Em outras palavras, pode-se dizer que é razoável a formulação de constructos, conceitos, teorias e práticas na educação dos mais velhos. É sugerida a denominação de gerontogogia ao conjunto de propostas para uma orientação mais favorável aos propósitos do desenvolvimento das pessoas da terceira idade. Outros preferem denominar a este entendimento de práticas como pedagogia para a terceira idade. Parece que o termo gerontogogia teria mais concisão e objetividade na explicitação do propósito social de conceder orientações otimizadoras para a população que envelhece.

Argumento não menos consistente que o da longevidade e qualidade de vida vincula-se à busca da revelação da dignidade humana. Esta se evidencia na proporção que se assegura a identidade humana que passa pelas instâncias pessoais com seus níveis biológicos, psicológicos, espirituais e sociais. E, em todo o processo da vida, a dinâmica do desenvolvimento deve contemplar as novidades específicas de cada



tempo. É natural que um conjunto aprofundado de informações e ações poderá ser generoso no auxílio à explicitação da dignidade humana.

A gerontogogia teria a tarefa de reunir os elementos educacionais facilitadores da promoção humana em todos os níveis, redefinindo comportamentos e propondo alternativas de valor científico num contexto de uma nova ordem, onde o fim último é dar cumprimento à natureza humana em suas verdadeiras características, afastando os limites culturais e recriando hábitos sociais.

Parece já haver conhecimentos suficientemente valiosos que poderiam introduzir os educadores na promoção de um sistema relevante de orientações, a ponto de se iniciar a formulação de uma teoria educacional para a terceira idade.

5- De alguns Princípios e Hipóteses para a Gerontogogia

Se a educação pode ser entendida como a ação de revelar a face humana com suas específicas virtudes, concedendo a cada um o que lhe pertence na promoção de sua identidade, a gerontogogia pode ser entendida como a manifestação de uma determinada ação com a específica vontade de fazer explicitar um conjunto determinado de características que o educador entender como pertinentes ao ser humano que envelhece. A ação, portanto, pode ser promovida por alguém que quer suscitar em outrem certas atitudes, como pode ser promovida pelo sujeito enquanto educador de si mesmo.

A pretensão aqui, é avaliar alguns princípios gerais da gerontogogia e, inicialmente, postos aqueles mais abrangentes. Não se pretende exaurir a questão dos princípios da gerontogogia, mas apenas externar opiniões sinceras.



As orientações fundamentais a seguir expressas nem tanto querem afirmar categorias mas, sim, inicia um diálogo aberto sobre esta emergente questão que é a de se propor um espaço biopsicossocial mais digno para a terceira idade:

-O princípio da dignidade

Todo o ser humano, não importa o estágio de sua vida, tem o direito de ver explícitos aqueles atributos de pensar, de querer, de participar, de transcender, de amar-se e amar. Em outras palavras, a autoridade última do encaminhamento educacional emerge do próprio ser humano e dos atributos essenciais que se ajustam a sua identidade. Desse entendimento emanam todos os outros princípios que aqui são expostos.

- O princípio da dinamicidade positiva

O organismo humano torna-se mais frágil na medida que envelhece, entretanto, psicologicamente há uma evolução positiva das faculdades. Isto é: o pensar, o sentir e o querer podem evoluir, engendrando-se em todas as etapas, condições para uma satisfatória realização humana. Para cada etapa da vida, pode haver uma respectiva perfeição.

- O princípio da pertinência e afetividade

Este princípio pretende apontar para a necessidade de haver uma constante inserção da pessoa em algum grupo social. No Ocidente, tem-se encontrado duas formas de inserção significativa: na família e no trabalho.

Essas duas instituições, depois da aposentadoria, tendem a se fragilizar e, muitas vezes, retirando o sentido da importância e da afetividade dos mais velhos. O valor da pessoa não pode ser diminuído sendo necessário, então, formas alternativas pelas quais os mais velhos possam, efetivamente, pertencer a um grupo, ocupando ali seu designado espaço e sentir-se amados dentro da família de origem ou de sua substituta, propositadamente organizada.

- O princípio do exercício

Tanto a saúde física como a psicológica necessitam de uma adequada exercitação. A memória e o pensamento são mantidos e aprimorados através da participação dos mais velhos em atividades onde se sintam comprometidos. Se os mais velhos não tem justificativas para investir no presente, desarticulam-se os mecanismos da memória e do pensamento, podendo-se infantilizar o juízo. Ao contrário, se houver uma densidade afetiva nas relações atuais nas quais os mais velhos estejam diretamente envolvidos, estará diminuindo a possibilidade de depressão, e saúde do sistema nervoso pode ser mantida, preservando melhor a memória e a inteligência. Algumas pesquisas, contudo, apontam para uma depreciação de memória imediata, não se comprometendo, entretanto, a síntese mental e o julgamento. Caberia aqui um alerta em torno dessas pesquisas, questionando-se sobre as condições de vida das pessoa na terceira idade: a memória imediata tende a ser prejudicada independentemente do estilo de vida?



- O princípio da cidadania

Observa-se que, em muitas culturas, os mais velhos eram estimados através do espaço social que lhes era concedido. Não era gratuito este tratamento. Os mais velhos tinham na participação social a responsabilidade de avaliar as situações difíceis, impondo-se pelo reto julgamento. O princípio da cidadania tem a pretensão de afirmar que a participação política da cidadania tem a pretensão é imprescindível para a saúde dos mais velhos. O fato de emitirem suas opiniões, participarem de estudos, de auxiliarem na construção da vida social e da cultura, indica que podem realizar-se e que a sociedade que estimula a participação social dos mais velhos pode colher vantagens com tal atitude.

- O princípio do aprimoramento psicológico e espiritual

-Parece que a natureza humana, na medida do passar dos anos, torna-se mais complacente e generosa na forma de pensar, sentir e agir. O pensamento pode até não ter mais a velocidade juvenil, mas é mais concentrado, aprimorando-se com referências mais amplas e conscientes. Os sentimentos dos velhos sadios tendem a ser generosos: parece que não tem a necessidade de prenderem a pequenas paixões, equilibrando-se melhor a afetividade pela vontade. Parece haver uma conformação dos sentimentos à fé e à transcendência, podendo surgir uma confiança na bondade última do ser humano. Simone de Beauvoir (4) percebe que o sentimento estético não se perturba, mas ao contrário, pode apreciar e criar indefinidamente.



- O princípio da construção da Terceira Idade

Erikson afirma “Só o indivíduo que, de alguma forma, cuidou de pessoas e coisas, aceitou conquistas e desilusões inerentes ao fato de gerar outros seres humanos, ou de gerar produtos e ideias pode amadurecer gradualmente”. (11 p. 241). Propõe, em continuidade de sua análise, que a velhice humana pode enfrentar dois tipos de sentimentos: o de integridade ou desesperação. O primeiro como fruto de um esforço humano carregado de significado e o segundo pelas formas insatisfatórias de construir-se a vida. “A desesperação expressa o sentimento de que agora o tempo é curto para tentar-se outra vida” (11 p. 242).

Não é necessário um sábio observador para dizer que a vida não é um processo com etapas isoladas. A felicidade de um período pode mais facilmente ser transferida para outro, concedendo-se, então, a sensação de integridade.

Parece, entretanto, que o passado não é absoluto na determinação de uma vida feliz na terceira idade. Ao ser humano assistem recursos insuspeitados, quando se lhe dá oportunidade de reinvenção da condição humana.

6- Conclusão

Pouco importa que se denomine de uma pedagogia para a terceira idade ou simplesmente gerontogogia; o que importa mais que tudo é suscitar um aprofundado estudo sobre a condição do envelhecimento e as oportunidades educacionais referentes a esta realidade. Aqui estão postos alguns fragmentos de um incipiente saber que se torna urgente, uma vez que aí está uma população com tantos anos de vida pela frente. Tanta vida



deve ser motivo de preocupação de educadores, assistentes sociais, políticos e de outros, não importa qual seu ofício social, e, com certeza, pelo conhecimento e vontade destes profissionais, poderá haver uma direção mais conforme às exigências da dignidade para os mais velhos.

A TORRE DE BABEL E A GERONTOLOGIA

Na Gerontologia, pode ocorrer o mesmo que na Pedagogia: confusão vinda de todas as partes. Nos últimos cem anos ou mais, as descobertas sobre muitas realidades humanas fizeram inclinar as orientações numa ou noutra direção. Com Freud, os pedagogos tiveram na sexualidade o motivo de toda a felicidade ou frustração humana; com Rogers, os pedagogos caíram até na licenciosidade, julgando que a educação fosse o liberalismo dos sentimentos a ponto de prescindir da vontade. Com Piaget, então, o ser humano foi dimensionado pela competência em suas operações mentais e muito pela cooperação iniciada aos 7 anos. Com o socialismo, quase ficou proibido o sentimento individual e as coisas da intimidade. Esperava-se um Estado justo que desse a todos o dom da igualdade. Nenhum educador podia mais pensar em conceder aos seus alunos a livre iniciativa: um Estado benigno tomaria conta deles.

Na verdade, andavam os pedagogos invocando ora um iluminado, ora outro. Perdeu-se muito daquele sentido de: “o que importa mesmo?” Isto é, faltou o sentido de uma compreensão abrangente da condição humana e de sua natureza. Faltou uma posição mais simples e unificadora que contemplasse, sem retalhos, a face humana em sua magnitude e contradição, mas que conseguisse harmonizar as tendências naturais e as urgências históricas.

O envelhecimento da população, por se apresentar tão rapidamente, inclusive no Brasil, está levando a que se repense uma posição sobre como conduzir-se tão precioso tempo. Trinta ou quarenta anos não se pode jogar pela janela apenas, porque a força física e algumas complicações fisiológicas de razoável controle se manifestam. Ninguém ainda conseguiu definir em qual tempo possui mais valor a vida humana. A infância, a meninice, a adolescência, a vida adulta e a velhice: são tempos originais, cada um com suas surpresas, limites e grandezas.



Está sendo iniciado, porém, um novo entendimento sobre o envelhecimento humano. O que era exceção passou a ser regra, logo motivo de substancial preocupação da sociedade. E, nessa idade, uma questão é: O que fazer dela? Por onde conduzi-la? Surge, então, a Gerontologia: a arte e a ciência de conduzir a velhice. O dom e o saber, a ciência e a sabedoria, o humor e a austeridade, a criação e a disciplina devem se fazer presentes para se saber por onde conduzir a velhice? Um projeto de vida e a afetividade social imprescindíveis?

Em que consiste uma gerontologia? Seria a composição de um sistema de orientações baseado em princípios de entendimento do ser humano? Seria a congregação das ciências que patrocinariam um novo encaminhamento frente ao envelhecimento? Seria a compreensão dos princípios básicos de uma vida, baseado nas condições oferecidas pela comunidade onde se insere o sujeito que envelhece? Seria a composição de valores emergenciais e em função de lutas necessárias a conquistar espaços maiores e em função de lutas necessárias a conquistar espaços maiores porque os que aí estão são sufocantes? Ou gerontologia compreende um fortalecimento pessoal dentro do princípio da libertação de sentimentos novos e específicos da natureza do ser que envelhece?

Novamente, pode surgir a história bíblica da Torre de Babel: Todos falam línguas diferentes. Mas não deixa de ser uma preocupação de mérito: o que fazer com o ser que se pode ter num período onde se deve estar agradecido por se chegar?

De todas as maneiras que se quiser avaliar o homem, algumas questões são fundamentais para a realização do ser humano que envelhece: é um ser que necessita de ter em atenção o seu corpo. Precisa aprender e pensar sobre as coisas significativas e que lhe digam respeito. A memória e a consciência não se conservam sem uma boa tensão. Carecem os velhos de um projeto inserido no seu contexto social e carregado de importâncias Um ser de consideração e utilidade é este o do ser humano. Isto é: o ser humano, quer ele tenha, que não tenha noção disso, não deixa de ser ente político.



Carece de um prazer que lhe alimente o espírito. Não precisa de arte para sobreviver, mas não pode viver plenamente sem ela. E ainda mais outras orientações podem ser indicadas.



UM PEQUENO DISCURSO SOBRE A GERONTOLOGIA

Ninguém, porque envelhece, pode dizer-se feliz ou infeliz. Pode, isto sim, fazer bem ou mal a arte de envelhecer e, como consequência, retirar de sua constituição mais plenamente a felicidade, ou até ser infeliz. Deduz-se disso que o envelhecimento traz suas potencialidades ou tendências que, se bem utilizadas, podem marcar positivamente o homem, fazendo com que ele obtenha características que o dispõem a sentimentos de conquista, fortaleza interior, alegria e bem-estar para os outros, ou, se não levar jeito de encontrar um modo bom de fazer seu tempo, pode ficar com sentimentos de amargor e estragar até o ambiente onde os outros respiram.

Para que se chegue a se fazer uma boa gerontologia, ou seja, para bem conduzir o envelhecimento é natural que se busque orientar dentro de algumas normas a boa arte de envelhecer com virtuosidade, isso é, tendo bons hábitos na maneira de conduzir-se no tempo em que se está entre os mais velho de uma população. Muitos autores e mesmo as pessoas que estão envelhecendo com sabedoria concordam que:

1º É possível ser feliz mesmo com cem anos. A idade não impede de ser feliz. Isto é: a idade não é nem de longe explicação para alguém ser feliz ou infeliz. A cada temp, pertence uma sorte diferente: depende o que se faz com ela.

2º A vida, na medida que se envelhece, vai retirando alguns bens e até bens tão grandes que deixam as pessoas que os perdem por demais entristecidas. Pensam algumas até que não há mais jeito de ser feliz e ficam remoendo sua perda tanto que outras pessoas se sentem mal e nem gostam de ficar perto delas. É sabido, também, que, além das perdas, existem ganhos como: generosidade, fé, perdão, complacência, compreensão, gratidão, entendimento, invenção, isso sem contar com



outras virtudes que muitas pessoas que envelhecem descobrem particularmente.

3º Uma forma de tirar uma boa oportunidade da vida é se dar a ela sem extremas reclamações. Isso não significa estar passivo e nem, por outro lado, estar sempre murmurando. É prestar atenção nos instantes e acontecimentos, isto é, estar de boa vontade com os fatos e, de preferência, contribuindo para que esses fatos possam ser ainda mais agradáveis.

4º Já foi dito que cada um é aquilo que se permite lhe seja feito. O fato, porém, é que nem sempre temos condições de escapar de uma personalidade feita conforme as distorções do tempo. E aqueles que envelhecem não escapam de se lhes atribuir formas indevidas à natureza humana. Mas o que, geralmente, todos os mais velhos aceitam como normal é que devem ficar um pouco de lado de tudo o que acontece. Profissionalmente, fica-se de lado. Politicamente, não se sabe o que está acontecendo. Os fatos sociais pertencem aos adultos. Enfim, uma atitude mesclada de irresponsabilidade e apatia: uma espécie de morte em prestação. A vida vai se afastando, porque não está participando dela. É, então, uma atitude corajosa a daquele que não esmorece na convivência, na decisão de ser importante nos destinos de seu lugar, na educação física e na ocupação das horas com o lazer.

5º Uma outra atitude generosa é não estar preocupado com a idade, mas sim, em viver intensamente. Quem fica dedicando alguma preocupação com a idade, está perdendo uma bela oportunidade de viver. Quem diz que não tem mais idade para isso ou aquilo está negando a sua existência. Com ponderação, tudo pode ser bem feito. Alguém um dia fez um trato com o tempo. Os dois viveriam em paz, mesmo sabendo que um dia se encontrariam.

6º Uma atitude boa é ter o que fazer. Alguns chamam atenção sobre a importância de um projeto de vida. Cada um nasceu para deixar a sua marca. Diz a lenda que Deus deixou o homem a pé. E por onde passar deve deixar a marca de sua passagem. Depois de um tempo, vai-lhe o

Senhor ao encontro e somente encontrará o seu filho se os sinais da sua presença humana estiverem bem delineados. Se não for assim, não o encontrará o Senhor. Isto é, não se pode jogar com as horas sem a sua importância e sem a marca de cada um.

IDENTIDADE E TERCEIRA IDADE

Mosquera (em 17 p.12) fala sobre o assunto: “Nenhuma identidade pode formar-se sozinha, nem se desenvolve apenas no tempo. Desenvolve-se no tempo, no espaço e numa determinada cultura. A reflexão e a observação, tem papel fundamental. Não é apenas um retorno a si mesmo, mas também, aquilo que levará o individuo a ser...”

O termo identidade refere-se às características específicas que definem uma pessoa, advindas de todas as influências. É a personalidade individual inconfundível que se constrói em nível consciente e inconsciente. Mutável enquanto pode incorporar novos elementos como no caso do advento da terceira idade.

A preocupação não é exaurir todas as dimensões da formação da identidade na terceira idade, mas apenas revelar alguns elementos facilitadores para um feliz desenvolvimento humano.

Nem ao menos os itens abordados contemplam todas as oportunidades que a natureza oferece aos mais velhos, tanto assim que, em outros momentos, a questão retorna como é o caso do artigo sobre Auto Imagem e Terceira Idade.

1-Aqueles que Andam entre o Passado e o Presente

A cada tempo de vida pertence uma novidade. Dizer que se é velho por fora e jovem por dentro parece indicar claramente a rejeição de si próprio ou parte de si. Ora, o ânimo bom pode assistir aqueles que envelhecem e um sonho pode acompanhá-los naturalmente. Nem por isso é preciso pensar que se é jovem por dentro. Se se entende que a

juventude é o tempo em que se presta auxílio ou ajuda, então, então pode-se ter a juventude na velhice, mas a sua forma.

Alguns daqueles que ficam velhos, às vezes, estão tão carregados de bagagens, de experiências, que se atrapalham até de ver o mundo que anda em velocidade e se atrasam, ficando com saudade dos tempos e costumes, perdendo o momento que passa. Alguns afirmam que a maturidade na velhice é indicada proporcionalmente à condição que se tem de andar alegremente entre as coisas e fatos de hoje: nem amargurando o presente, nem dizendo que o tempo passado é que tinha mérito. Pode-se perfeitamente fazer as duas coisas ao mesmo tempo: olhar o presente com gosto, não perdendo o momento e ao mesmo tempo que se dá o viço de sonhos feitos. E parece que é isto mesmo: normalmente os velhos bem construídos são complacentes. Pela experiência não mais se assustam, tendo assim a condição de avaliar, sem precipitações, o coração do homem das coisas. Tem os velhos bons, nas mãos, uma bagagem nem tão inútil que não se possam servir-se dela os transeuntes e nem tão pesada que não possam carregar.

A identidade humana não pode ser tão volúvel que abandone os seus caminhos feitos, mas nem tão absoluto o passado que, sobre eles, novos caminhos não possam ser feitos.

Muitas vezes, existe vontade de ir mais à frente tendo um espírito de fronteira, mas os condicionamentos até dos filhos que são adultos inibem o fazer um novo tempo. E isso assusta as pessoas, pois pensam que os mais velhos devem viver apenas o tempo passado e que não podem ter o sinal do tempo com suas específicas paixões. Estas é que estão atrasadas e de conceitos mofados. Tristes conceitos esses, que fazem da velhice um jeito de não ser.



2-Aqueles que Tem Vida em Abundância

Uma vez Santo Agostinho disse que sabia o que era o tempo. Ao ser perguntado se podia defini-lo, disse que já não podia mais. Esse tal de tempo é mesmo fujão, mas pode-se, com um pouco de atenção, tirar dele belas sementes: quase uma vida. Não há dúvidas: a melhor forma de bem envelhecer é estar encantado num desafio de razoáveis importâncias. É claro que também o passado conta na determinação da velhice. Para ilustrar o que é dito, alguém até versejou:

“Dançavam as lembranças sobre a mesa

Pois chegaram os avós no dia anterior.

Não se pode, por tempo indefinido,

Guardar a sós a vida inteira.

E vinham todos os conhecidos que se foram

Velhos companheiros de jornadas falecidas.

Por lembrados, sorriam dentro da alma

Dos velhos que viviam das lembranças.

E a pequena, a menor, de sete anos,

Sorria, entendendo que se fazem companheiros

Nas lembranças tantas, e que os velhos tinham

Tanta vida, e nela a vida se fazia tão pequena”.



São apenas versos, mas por ser verdade, o que é dito tem alguma importância.

A vida do passado pode condicionar relativamente o presente e o futuro, mas pode abençoá-lo quando significada pela amável compreensão.

Um dia, falava uma velha irrequieta com o que haviam feito de sua vida: dominada pelo marido e explorada pelos filhos (estes eram seu sentimentos). E falava e falava de tudo o que lhe acontecera. E, ao falar ainda mais e abertamente, de tudo percebeu, ao final, que todos eles viviam por sua causa. Reconheceu um valor no seu passado, muito embora sofrido. Isso não impediu que ainda era tempo de tomar a si apascentando os seus dias com maior alegria e determinação.

3-Aqueles que Sozinhos estão em Paz e Meditam

Ao menos uma vez por dia, o velho ficava uma hora na janela olhando a rua e muitos e muitos diziam que o seu olhar, por vezes, se brilhava todo como da sua alma proviesse uma luz. Alguém mais curioso sobre as coisas humanas inventou de lhe perguntar qual era a razão de estar aí sozinho na janela e o que daí podia tirar de interessante. Não tardou a resposta, até parecendo que sabia de cor. E foi falando:

“Por vezes, vejo pardais disputando nas areias uma semente ou um pedaço de pão. Às vezes, da labutada sorte nada tiram. Vejo mais que tudo, a andança das meninas e dos estudantes e preceituo-lhes internamente a coragem e a determinação. Mais que tudo, o que faço na janela é orar por todos os caminhos e os caminhos me dizem de seus



próprios corações. E, quando se faz silêncio na rua, olho os meus caminhos feitos e ainda os poucos bons nos quais eu tenho que pelejar”.

Bem, deste início que poderia ser um conto, podem se desprender duas características da identidade dos mais velhos. Isso por ser lido também no livro de Combaz: “O Elogio da Idade”. A primeira refere-se à própria solidão. O fato de poder ficar sozinho e estar agradado com os pensamentos é uma virtude que só se manifesta com maturidade. Não há que se motivar demais para se tirar uma boa conclusão. A vida já ensinou um considerável saber. O ficar a sós e meditar, e deste tirar um comprazido momento, não significa que a velhice se satisfaz em viver solitariamente. Afirma-se que da solidão pode ser tirada uma vantagem maior que na juventude.

Outra característica do velho da janela, pode ser vista no que se segue:

Não é preciso muita coisa ou grande novidade para agradar um coração vivido na generosidade. Por isso, também, é que se diz que a velhice pode ser um tempo de grande sabedoria, pois tanto que foi visto e aprendido, do pouco pode ser tirado um grande conhecimento ou um artístico sentimento. Picasso já dizia que não vemos o mundo como ele é, ele é como o vemos. Incomparável pode ser o olhar de uma pessoa envelhecida que viveu intensamente, pois vê muito onde os mais novos só veem sinais de pouco significado.

4-Aqueles que tem Generosidade e Inspiração

Houve um jovem que tinha uma voz um pouco melhor que uma taquara rachada e o ouvido que pouco o ajudava na harmonia de sua estúrdida voz. Esforçava-se mais que podia, porque queria ser um cantor. Entretanto, ao final de muitos e muitos dias de exaustiva dedicação,

chegou à conclusão de que pouco adianta forçara natureza. Enfim, concordou com Aristóteles que dizia: “Não adianta alguém querer ser bom em alguma coisa a menos que a natureza o tenha predisposto para tal”. Foi ter conseguido mesmo e percebeu que amava a natureza e a sua disposição. Aprendeu a ser um bom professor de Geografia. Não tinha aluno que não se prezava um pouco, por entender a grandeza do relevo, a sabedoria do solo e como dele se poderia tirar um lucro sem ofensa à mãe natureza. Aprendeu, enfim, o seu próprio sonho. Não ficou rico porque era um professor, mas ninguém podia tirar dele a magnífica visão de mundo. Numa viagem de 50 km, tirava mais alegria que aqueles que iam ao Japão, à Europa e à Austrália.

Dentro do princípio de respeito à natureza de cada um, pode-se concluir que também a velhice tem os seus dons que não são mais os dons da infância ou da vida adulta. Não é que não se tenha mais ardor naquilo que, o corpo possa dar. Se bem tratadas as questões do corpo, elas podem oferecer maravilhas insuspeitadas. O que é certo, é que, além das virtudes físicas, pode-se tirar mais da generosidade do espírito. A palavra dos mais velhos pode ser encantadora e, geralmente, não é fútil. As artes são ótimas companheiras, pois que a inspiração é, talvez, a melhor graça daqueles que envelhecem.

5-Aqueles que Fazem a Oração do Coração

Faz pouco tempo, estava sobre a mesa de trabalho de um amigo, uma pintura do rosto iluminado de um velho. Não sei se por luz de vela ou de candeeiro; se por luz elétrica, ou se pelo próprio estado de seu espírito. Estava, sim, iluminado o rosto do velho. Ao pé da pintura se lia: “Em tudo dai graças”.



Uma inspiração pode surgir na palavra e nas ações daquele que ao ver, no pequeno campo de um microscópio, um mundo bem disposto: “Mesmo que ninguém tivesse visto, tudo já estava lá”.

Este sentimento de harmonia que pode ser percebido na flor do campo, no final de uma tarde ou na luz das estrelas, este sentimento de reverência e grandeza geralmente é aumentado, quando o ser humano envelhece. Essa ternura universal que avassala generosamente a alma é que não se pode perder.

A compreensão da universal e generosa ordem das coisas e a comunhão de todos os seres que se envolvem de bondade aliviam o ser humano das contundentes limitações. Thomas Merthon aponta para uma solução cristã da vida humana, quando afirma que “devemo-nos conduzir indefesos, completamente imbuídos da graça e da fé”. Essa oração do coração diante da infinitude e da solicitude de um dom espiritual em busca da sua última razão talvez seja o mais consistente apoio do homem quando envelhece. Os budistas, bem mais que os cristãos, buscam conformar suas vidas à vontade da natureza. Os cristãos também poderiam encontrar, no dom continuamente renovado da vida, uma alegre participação. Isto é, nada seria feito em comezinhas intenções. Então, sim, pode-se morrer vivendo, não importando a hora.

Ao contrário desta magnitude humana do dom da espiritualidade, está a frustração de concentrar-se apenas nos lucros vendidos pelos sentidos, o que lá tem seu valor, mas absolutizá-los inevitavelmente leva a uma luta pequena e, ao final, perdida.

A reverente fraternidade, a transcendente inspiração e a busca qualificada dão a todos que envelhecem uma oportunidade de ter um coração em paz. É quase o suficiente.

6-Aqueles que Devem se Reinventar

Apenas conversar afetuosamente é a única pretensão deste dizer. Uma conversa fiada, acientífica. Aquela que tomar o cotidiano nas mãos como se a gente escolhesse o feijão para ferver. Faz bem, muito bem, falar daqueles que envelhecem. 'É descobrir um imperecível valor onde se via um trivial e padecido fim.

Sartre dizia que o pior não é o que os outros fazem de nós, mas aquilo que nós mesmos fazemos daquilo que os outros fazem de nós. Muitas das ditas e consagradas verdades não passam de um contágio de doutrinação que vai passando de geração em geração. No Ocidente, por exemplo, tomou-se de desmedida virtude a força física, a produção e o farto poder. A construção histórica, a forja que faz a maioria das coisas, criou uma forma de conceitos mais ou menos próximos e, dessa forma, se divulga todo o entendimento e os ditos aceitos padrões comportamentais. É um saber bem ao vexo do preconceito. É uma repetida informação que se consagra não por seu natural conteúdo, mas porque uma infalível tradição diz que assim é que se deve pensar. Vamos as entendimentos que merecem uma melhor e mais razoável consideração:

“Na media em que se envelhece, perde-se a memória. A inteligência desaguça-se e torna-se lenta demais. A sexualidade é para a juventude. A perversa e inevitável. As mudanças e a criação não são normais, normal é a degradação física, perversa e inevitável. As mudanças e a criação não são normais, normal é a repetição e o hábito. Os mais velhos não suportam a responsabilidade. Eles não são capazes de assumir compromissos importantes. Os velhos só sabem entender das coisas do seu tempo. Não servem para uma decisiva participação em assuntos atuais. Os velhos são a alegria das crianças, porque são como elas, por isso se entendem. Não existe beleza num rosto enrugado e em cabelos brancos”.

Pode-se ir medindo os abusos culturais contra os velhos e não chegariam nem dez artigos para enumerar todas as imbecilidades ou semiverdades pronunciadas sem respaldo de um mais autêntico saber.



Na verdade, não se sabe ao certo o que é ser humano ao envelhecer, porque até bem pouco tempo esta questão nem era motivo de preocupação. São incipientes os estudos sobre a velhice. Mas já se sabe que as afirmações tradicionais não correspondem com o ser da velhice. Muito mais saber pode ser encontrado e, com certeza, mais a vida e liberdade haverá, se o homem deste final de século se desvestis de seus costumes cheios de ambiguidade e parcialidades. Ainda um dia vão rir destas afirmações, porque o homem poderá reinventar-se, concedendo-se a si mesmo uma melhor condição.

7 – Aqueles que Ponderam e Guardam o que é Importante

Muitos mitos foram forjados sobre a velhice. Alguns perversos e especialmente fabricados para minar a moral de uma pessoa depois dos sessenta. Perversas afirmações são ditas sobre a memória e a inteligência. Em primeiro lugar, convém lembrar que as dificuldades mentais na velhice advém normalmente de duas origens: do deuso de uma função e da esclerose.

Alguns autores inclinavam a afirmar que o deuso da memória e da inteligência é que determina as limitações fundamentais da mente humana. Isto é, com a aposentadoria, com a ausência dos filhos, com a retirada de compromissos sociais, os mais velhos começam a se alienar, não necessitando armazenar com tanta precisão as informações: nem os exercícios da razão e da criação precisam ser utilizados. Esta vida de abulia, muitas vezes, é assim disposta pelo condicionamento social como se houvesse um comando que ordenasse a omissão dos mais velhos diante dos acontecimentos importantes. Essa inanição mental cria condições para que a mente desarticule seus mecanismos de interação, debilitando a competência da memória e da inteligência. Dessa forma, não é preciso muito tempo para haver o desfalecimento da memória e da

inteligência. De uma parte, as ligações das células nervosas se empobrecem e, de outro, a velocidade e precisão do juízo começam a entrar em sofrimento. É como a atrofia de um músculo por falta de exercício. E a natureza não é muito gentil com aqueles que descumprem as suas leis: faz desaparecer o que não é necessário.

A aptidão física da mente depende da consistência do projeto de vida. É inegável a importância dos hábitos de cada um. O fumo, álcool, a alimentação descontrolada e o sedentarismo são riscos que potencializam o advento da esclerose e a conseqüente diminuição da competência intelectual. Com o avançar dos anos, é natural que o organismo se fragilize. Entretanto, com os cuidados geriátricos, físicos, psicológicos e espirituais, ou seja, o acompanhamento da saúde, da alimentação, dos exercícios, de um vigoroso interesse pela vida, pela grandeza da fé, é possível avançar em idade, em sabedoria. E o resultado de tudo isso é uma digna condição humana que os mais velhos chamavam de felicidade.

8 – Aqueles que Descobrem uma Nova Linguagem para o Amor

Dois grandes geriatras, Buttler e Lewis, escreveram no livro “Sexo e Amor na Terceira Idade”: “O sexo realmente pode continuar a ser interessante e estimulante após os sessenta anos? As próprias pessoas de mais idade tem declarado que sim. Afeto, calor e sensualidade não precisam se deteriorar com a idade e, na verdade, podem até mesmo aumentar.” (6 pg. 117)

Dedicam esses dois estudiosos, um capítulo a esta questão: “A Segunda Linguagem do Sexo”. E nesta unidade do livro propalam que a primeira linguagem sexual da vida humana é extremamente física e que a segunda linguagem é também isso, mas é também uma inequívoca

“oportunidade de expressar paixão, afeto, admiração, lealdade e outras emoções positivas”. (6 pg. 117)

Outros autores reforçam a questão da sensualidade afirmando o lado romântico e poético das pessoas que envelhecem, apontando para uma contínua busca de crescimento sexual e novas experiências. Possivelmente, afirmam os sexólogos da terceira idade, a intensidade e a magnitude da sensação física podem estar reduzidas, mas não a competência para dar e receber amor.

Assim, a primeira linguagem da sensualidade, durante a juventude, é explosiva, envolvendo principalmente o prazer físico. “A Segunda linguagem é principalmente aprendida e menos instintiva, e, frequentemente, é pouco desenvolvida, pois depende da competência em compartilhar sentimentos com palavras e ações e conseguir ternura e respeito mútuos.” (6 pg. 121) A segunda linguagem exige um grande sentimento de solidariedade e uma poética sensibilidade.

Esta segunda linguagem, que também é sexualmente estimulante, advém da compreensão do ser do outro num desejo fundamental de ver o companheiro agrado, uma vez que estão amenizados os transitórios impulsos de conseguir posse, poder ou realização. É assim: a pessoa já provou que é capaz e agora está liberada para uma terna responsabilidade na direção ao companheiro.

Os estudiosos afirmam que a natureza é muito generosa para aqueles que não são egocêntricos, dispondo-os para a vida com todas as suas virtudes não importando o tempo. Ao contrário desses, aqueles que dificilmente se contentam em perder o vigor físico. Ficam preocupados com a fragilidade. Sentem saudades da sua juventude. Perderam o que foram e nem adquirem o que poderiam ser.

AUTOIMAGEM NA TERCEIRA IDADE

Tentar-se-á analisar esta questão em duas dimensões: a primeira, abordando os limites tradicionais que podem prejudicar a construção de uma autoimagem positiva; a segunda, abordando atitudes pessoais e ações sociais eficazes na melhoria e ou reconstrução da autoimagem positiva.

Antes, porém, de entrar no mérito das duas questões propostas, propõe-se definir o que seja autoimagem. Este conceito vem a ser a avaliação que a pessoa faz de si mesmo. Expressões tais como: “Eu sou capaz de fazer isto ou aquilo. Sinto vontade de viver. Me sinto importante por causa de meus amigos e de meu trabalho. A minha vida, a cada instante, é um milagre que não perco. Gosto de meu lugar. Tenho uma vida pela frente”... podem revelar que a pessoa está com sua imagem em boas condições. Ela representa a si mesma com qualidades positivas e com ações carregadas de generosidade. Revelam características em que se percebem virtudes que não são outra coisa que não hábitos que auxiliam a natureza humana a ter explícitas as suas características essenciais. As características de uma autoimagem positiva dizem respeito às expressões próprias do indivíduo inserido num meio onde é responsável por uma parcela do bem estar social, às expressões da vontade que orientam os afetos em torno de valores e ou objetivos principais, às expressões de uma importância social, às expressões de uma fé religiosa que faz a pessoa transcender aos limites angustiantes das circunstâncias e às expressões da arte. Em outras palavras, quando se fala em virtudes ou certas características desenvolvidas, se quer afirmar que a pessoa deve ser um cidadão de uma boa consistência interna e de viva participação social. Diante de si e dos outros, a pessoa deve encontrar uma respeitosa admiração.



Agora podemos avançar no entendimento da primeira questão: Quais os limites impostos à população da terceira idade no que se refere à formação da autoimagem? São de duas fontes: interna e externa. Como já dizia Sartre: “O pior não é aquilo que os outros fazem de nós. O pior é aquilo que nós fazemos daquilo que os outros fazem aquilo que os outros fazem de nós”. Isto é: a imposição de preconceitos construídos no decurso da história sobre o envelhecimento humano não é tão prejudicial quanto à introjeção destes preconceitos. Efetivamente, os condicionamentos históricos tiveram razões de ser, mas isto até a revolução da microbiologia, ou até a descoberta dos antibióticos ou, mais recentemente, até as conquistas da prevenção das doenças pela alimentação adequada, pelos exercícios e pelo abandono dos vícios que limitavam a longevidade. É sabido que tanto se pode qualificar a vida depois dos sessenta anos, bem como se pode prolongá-la pelas contribuições de Educação Física, Psicologia e Medicina. Portanto, as afirmações de que a vida depois dos sessenta começa a degradar-se e infelicitar o ser humano pelo empobrecimento das faculdades todas são falsas. Isto é, pelos cuidados físicos e através de um significativo projeto de vida, pode-se arder com vitalidade em todas as direções por onde ande a vida de um cidadão adulto. É claro, obedecendo aos propósitos impostos pelas propriedades específicas do envelhecimento humano que tanto revelam virtudes novas como podem apresentar alguns limites físicos, psicológicos ou sociais, não necessariamente incapacitantes.

Os costumes históricos no Ocidente sobre os mais velhos foram gerados pelo temor da morte e, principalmente, pelo afastamento da vida social. Atitudes de desprezo e piedade eram comuns por parte das outras gerações.

Pelos avanços da Medicina da Educação Física, da Nutrição, da Psicologia é que a população da terceira idade começou a dividir igualmente o seu espaço com outras faixas etárias. De outra parte, os costumes novos foram rapidamente sendo construídos.

A ausência dos mais velhos nos lugares de lazer foi preenchida com sua presença, as vestes sem cores foram substituídas por cores vivas, o afastamento do trabalho após a aposentadoria deu lugar a novos projetos profissionais ou voluntários, a rigidez do comportamento sexual foi substituído por uma flexível ética. Assim o corte abrupto na vida dos aposentados deu lugar a uma esfuziante vitalidade carregada de novos propósitos. Parece, portanto, possível fugir dos incapacitantes condicionamentos sociais que limitavam as oportunidades dos mais velhos.

A outra questão refere-se a atitudes pessoais auxiliadoras na formação de uma autoimagem positiva. A maioria dessas atitudes refere-se também aqueles que são comuns a outras faixas de idade. As atitudes de interesse no desenvolvimento da autoimagem positiva podem ser avaliadas nos seguintes itens:

1º Jovial aceitação das virtudes e limites próprios da idade

É importante ter atenção aos sentimentos e às ideias de toda ordem. A composição comportamental deve concorrer para a realização pessoal e social. Não se pode negar nem o sonho, tampouco a dor. Se as articulações manifestam dificuldades de movimento não será tempo de tê-las em maior exercício? Se a solidão começa a incomodar, não será tempo de integração ou reorganização decisiva de novos companheiros? Se um sentimento de inutilidade começa a se abrigar, não será hora de juntar-se uma relevante ação? Se a memória nega a lembrança, não será tempo de um novo e profundo compromisso? Se urge um sonho, de pôr-se em letra ou em outra arte, por que não fazê-lo? A personalidade, sendo uma organização dinâmica e espiritualmente carregada de tensões e alturas, deverá sempre ser reencaminhada. As amarguras, as queixas, as críticas ferinas e a saudade absoluta não serão demonstrações deque o presente

não está oferecendo aquelas oportunidades que vêm concorrer com a planificação das tendências da natureza?

2º Redefinição de um projeto de vida

Pela aposentadoria, pela perda de amizade, pelo desgaste de ações anteriormente significativas e afastamento dos filhos, não raras vezes, são perdidos objetivos que eram vitais.

Seria reveladora de grandeza política de uma cidade a existência de programas para readaptação profissional daqueles que envelhecem. Parece que ainda o atraso na administração do bem estar social não atentou para este potencial humano disperso. Entretanto, enquanto não chega este tempo melhor, convém que os mais velhos tenham por eles mesmos conquistados a sua importância social, ao mesmo tempo que tenham seus momentos preenchidos com ações de valor pessoal.

3º Valorização do Passado e do Presente

Uma atitude positiva para consigo mesmo na terceira idade é a reverência com sua própria história e as contribuições de cada um no desenvolvimento particular ou público. Entretanto, convém salientar que a absolutização do passado e a conseqüente negação do presente é sintoma de mal-estar e prejuízo na estrutura da personalidade. A concentração no espaço vital do passado é resultado da insipidez do presente. Além do prejuízo de não tirar agrados do presente, começa a desintegração dos mecanismos da produção e manutenção do conhecimento. Há um depauperamento nos meios de produção da

ampliação do eu. Nessa situação, a pessoa percebe-se indiferente ou incomoda diante dos outros, pois já não existe a razão da pertinência e da participação. A figura do viajante sobrecarregado de pesos é uma boa analogia. Não somente não consegue ter do presente a novidade, pois não anda, e do passado resulta um peso. Parece que a experiência é significativa para que por ela se pondere o presente, tomando-o como oportunidade.

4º Uma sensível Visão do Momento

Uma das pequenas histórias do zen-budismo diz que havia um meditativo guru que estava a contemplar as maravilhas de uma paisagem adiante de um precipício. Somente a paisagem lhe engendrava sentimentos. Eis que veio um tigre faminto disposto a devorar tão devoto alimento.

O monge, suspeitando das intenções do animal, resolveu descer pelo precipício com o auxílio de um providencial cipó. Quando assim fazia, percebeu que idêntica fera o aguardava ao pé da escharpa. Olhou em sua frente, e da pedra nascia um morango silvestre (de uma honra que não seria). Tomou o morango, espremeu-o em seus lábios, tirando do momento uma eternidade.

Cabe esta estória perfeitamente para os que tem larga experiência. Tem tudo para tirar do momento uma farta oportunidade. Experiência e desvelo é que não faltam. O que se deve ter, porém, e é o que facilmente se perde, é o entendimento de uma razão forte para viver. Sem um pouco de paixão nas horas e nas coisas, não dá pra viver. E não há quem possa tirar de si uma vida razoável e uma considerável imagem sem se por no meio de alguns acontecimentos e decidir que eles não tomam jeito sem o coração, o pensamento e as mãos que se tem.



5º O lugar que a história sempre indicou para os mais velhos

Nem todos os lugares tiveram maus costumes com os mais velhos. E, nesses lugares, foi dada uma vital responsabilidade a eles: a de guardarem o que realmente importa. Os mais velhos tiveram em muitos lugares do mundo (principalmente no Oriente) a tarefa de zelar sabiamente pelo essencial da vida humana. Parece equivocada a opinião que aos mais velhos era dada apenas a guarda da tradição. É superficial essa afirmação de algum antropólogo. Muito mais importante é a responsabilidade dos mais velhos ponderarem sabiamente. Isto é: tudo a de ser posto à luz da razão. Os astecas tanto quanto os gregos tinham como homem ideal aquele que submetesse todas as ações a uma serena consideração. E essa função de medir as coisas particulares e públicas é uma tarefa dos mais velhos: era a função dos senadores, dos pajés e dos velhos sacerdotes astecas.

Parece uma boa ideia esta de, na medida em que se envelhece, por zelo no pensamento, não para que se diminua o ardente desejo, mas para que este seja colimado de duradoura satisfação.

6º A fé como sustento não faz mal a ninguém

Três judeus trabalhavam na construção da sinagoga numa aldeia da Rússia. Questionou o rabino sobre o que faziam.

Respondeu o primeiro: Não vê como cavoco estão chão!?

Respondeu o segundo: Não vê que esfolo minhas mãos carregando estas pedras!?



Respondeu o terceiro: Construo a minha sinagoga!

O guerrilheiro, que combate, sonha e tem fé numa pátria mais justa e por isso arrosta qualquer perigo. Ninguém poderá dizer que esteja infeliz.

O monge, que gastou sua vida desde sua juventude na intenção de agradar a seu Deus, pode morrer dizendo hinos e salmos e está tão vibrante como um coral de pássaros.

Parece que com esses estreitos exemplos pode-se tirar uma felicidade no meio de sacrifícios. A fé, numa realidade ardentemente desejada, pode tirar o sufoco do momento. Por a cabeça em razões que nos possam guiar mais afortunadamente parece que fazem bem. Deus, assim visto como um ser que habita as vicissitudes instigando a que se ergam os olhos e se tenha mais graça inegavelmente, faz bem. Mas, sem sombras de dúvida: “a graça supõe a natureza”, dizia o sábio Tomás de Aquino.



REINVENÇÃO DO TEMPO

O fim último do ser humano é a sua realização. Para isso é preciso dar cumprimento às suas finalidades. Nisso não há aposentadoria nem afastamento cultural obrigatório.

Quais são as suas finalidades? Ou seja, quais os conteúdos constitucionais do seu humano dos quais ele não pode se desobrigar?

Far-se-á um procedimento inverso do usual. Isto é: tirar-se-á do ser humano algumas práticas para ver o jeito que ele fica. Aristóteles afirmava que o hábito de algumas tendências fundamentais é que proporcionam a constituição do ser humano. Tirando esses costumes, ver-se-ão as perturbações que são causadas. Então, aí deve-se por o que falta.

Atentar-se-á para situações comuns do dia a dia: os procedimentos mais comuns que ocorrem nos trabalhos é de as pessoas quererem se livrar deles através da aposentadoria. Uma vez conquistado o advento tão desejado, as pessoas se afastam de compromissos e de questões postas como importantes. Advém daí uma perda de esforço, fazendo tanto com que a memória como a inteligência não sejam mais exigidas em situações nas quais devam ser guardadas informações precisas e/ou ponderadas as respostas diante de dificuldades. Incide esta situação uma austera limitação na conservação das faculdades mentais.

Quando os pais estão em torno dos cinquenta anos, é que os filhos começam a se afastar de casa diminuindo, com isso, as solicitações afetivas e mesmo as respostas qualificadas diante dos problemas. Não raras vezes, esmorece o nível de afetividade, iniciando-se uma conclusão forçada pelas circunstâncias.

A aposentadoria representa perdas de laços significativos e o esvaziamento do lar provoca a síndrome do ninho vazio.

Essas duas realidades vão desabitando as pessoas mais velhas de atividades significativas, provocando uma desarticulação da pessoa em relação aos estímulos favorecedores de ânimo e de propósitos.

Podem, então, surgir algumas graves consequências diante destas duas situações: a da aposentadoria e a do afastamento dos filhos.

Comumente, existe um silêncio de todas as instituições. Há como que um consenso de que os mais velhos devam se afastar lentamente de suas atribuições dando lugar aos mais jovens.

Na verdade, não faz muito tempo, era o tempo em que as pessoas mais velhas começavam a morrer. E, por um pouco tempo de vida, não era mais velhas começavam a morrer. E, por um pouco tempo de vida, não era necessário por muita preocupação. Entretanto, agora, diante da longevidade estatisticamente comprovada, os mais velhos, por serem tantos e viverem tanto, estão causando preocupação.

Juntamente com as perdas das faculdades mentais motivadas, principalmente, pela diminuição da importância social dos mais velhos, havia, pela incompetência da superação dos limites da saúde, sérias dificuldades na administração do bem estar a ponto de as pessoas falecerem muito cedo.

O quadro, entretanto, modificou-se, principalmente nos últimos vinte anos. Tanto por conhecimentos adquiridos ao nível de prevenção de doenças, como pelo remédio, é que a longevidade é um fato inarredável morrendo, então, mais cedo, aqueles que são afastados do conhecimento ou do remédio.

É essa uma preocupante situação! O que fazer com a vida que se prolonga? Deixar-se-á andar este silêncio incapaz de avaliar com precisão esta nova realidade? Deixar-se-á que as faculdades da fantasia, do pensamento, do amor, do querer se desintegrem lentamente? Conceder-se-á uma saúde física até os noventa, deixando que andem de um lado para o outro sem uma boa direção?

Propõe-se, com estas preocupações, o advento de uma nova arte e ciência: a gerontogogia. Isto é: como conduzir a vida humana nos limites da idade que vão dos 60 aos 100 anos.

Atender à natureza humana envelhecida, permitindo que se expresse na convivência íntima e social, é uma tarefa substancial. A organização de conhecimento e saídas congruentes com as exigências naturais é uma obrigação dos educadores e dos políticos.

Diante desta realidade humana nova que se impõe na aposentadoria e na ausência dos filhos, deve surgir uma redefinição e organização de mecanismos e orientações otimizadoras de ações confortantes e congruentes com as necessidades da natureza humana.

Parece que algumas características são acrescidas aquelas que os anos e o temperamento já haviam oportunizado. Assim, ressalta-se a espiritualidade e generosidade como novas dimensões ou, ao menos, como recrudescimento feliz destas características.

Nessas duas características dos momentos, atrelam-se outras oportunidades, como seja, a da apreciação dos momentos com maior arte e conseqüente sentimento estético. As experiências são filtradas por um rico conjunto de referência dignas de consideração.

A densidade psicológica é maior que aquela dos tempos de maior volubilidade.

Engana-se, também, aquele que julgar que os mais velhos tem rigidez de percepção e por tal dimensão dificilmente mudam. Na verdade, a dinâmica da personalidade é fértil em adaptação a menos que este tenha adoecido gravemente. Mesmo assim, tem-se percebido que, a par de uma boa estimulação, mudam os mais velhos velozmente desde que a eles se de razão para tal.

É claro que se deixar os mais velhos em abandono, inibindo-lhes as articulações significativas com a sociedade, com os outros, com as artes, com a ciência, ou seja, com o patrimônio social e cultural, teremos,

então, velhos entristecidos, arrependidos de seus esforços e que, em tudo, põem o seu amargor, porque lhes foi tirado tudo aquilo que humaniza.

Alguns Mecanismos Sociais na Reinvenção do Tempo

Diante da impossibilidade de fazer retornar uma família rural indissolúvel, tradicional, onde linearmente se prolongavam os costumes, o trabalho e o respeito de pai para filho e deste para seus avós, numa generosa união, é conveniente se pensar sobre outros meios de convivência.

A família da era industrial não concede mais proteção aos mais velhos- e nem pode – dado o sistema de trabalho e fragilidade de tradição. Isto é, tanto o homem como a mulher saem de suas casas nas tarefas de igualdade social. As crianças, desde muito cedo, saem para a escola. Assim sendo, pode-se dizer que prevalecem as relações institucionais sobre as relações familiares. A vida íntima e os cuidados para com os mais velhos ficam prejudicados. Perambulam em suas casas ou, então, os mais velhos buscam pequenos ofícios sem importância, onde gastam um tempo desmedido. Aos poucos, após a aposentadoria, aparece o tédio, a angústia, as naturais doenças que se impõe numa situação de desmotivação causada por costume não convenientes à dignidade humana. Ficam os mais velhos a sós, sem saber onde começar ou por onde terminar. Sobre os meios para suprir este impasse histórico, é que os educadores e políticos devem se ocupar.

Não se que retirar a intimidade das casas, mas completa-la com uma sadia oportunidade de densa convivência e de um projeto de vida suficientemente consistente para nutrir interesses e importância por parte dos mais velhos.



Prece que podemos analisar a questão dos meios sociais alternativos para sustentação de vida humana na velhice sob três pontos de vista:

1º Sob o ponto de vista daqueles que tem uma casa com significativos laços de amizade

A esses, um grupo de convivência pode auxiliar substancialmente desde que aí estejam presentes algumas estimáveis ações que venham ao encontro da natureza humana. Essas ações devem propiciar principalmente, um projeto de vida animado no grupo de convivência e completado nas horas fora dele. Assim posto, deve-se esperar que uma ação de real importância possa ser sugerida pelo grupo da convivência e estimulada por este. A natureza da ação deve propiciar satisfação a quem a realiza e, de preferência, que os benefícios revertam na revelação da importância de quem os gera. Dessa forma, se as ações sugeridas forem voltadas para uma escola, para a cultura de uma comunidade, para trabalhos de auxílios institucionais, os mais velhos deverão perceber, por manifestações, a importância dos resultados. Duas outras ações poderão ser realizadas em complementação das ações sociais propostas:

-Atividades na área do lazer

Estas atividades tanto poderão ser praticadas em grupo como poderão ser aprendidas para a prática particular em suas casas.

-Atividades de aprendizagem

Os conteúdos devem ser interessantes, tais como saúde física e mental, e cuidados com a saúde oral. Uma sondagem anterior será de bom alvitre para não se incorrer no perigo do desinteresse.



2º Sob o ponto de vista daqueles que estão sozinhos

Para esses pode haver um grupo de convivência aos moldes daquele que foi acima projetado. De outra parte, pode haver uma casa onde possam morar juntos tendo, então, a possibilidade de cada um receber apoio mútuo. Pode ser estimulante aos mais velhos recuperarem um espaço de vida onde prevaleça a solidariedade. Essas habitações podem ser organizadas tanto por livre iniciativa daqueles que envelhecem, como por um programa de política engendrada em nível de governo do estado ou do município. As ações propostas anteriormente na área social, as atividades de aprendizagem e as atividades de lazer podem, da mesma forma, ser desenvolvidas pelos mais velhos que vivem fora da intimidade familiar.

3º Sob o ponto de vista daqueles que estão asilados

Não muito diferente do grupo de convivência das pessoas que envelhecem voluntariamente na mesma casa, deve ser o grupo de um asilo.

Para romper com a forte tendência dos asilos capturarem os seus velhos, afastando-os do convívio mais dinâmico de outras instituições sociais, é preciso ter uma filosofia asilar diferente da proposta tradicional.. É regra quase geral que as pessoas asiladas devem ser afastadas da sociedade. Pode receber visitas mas este intercâmbio tradicional é frágil para manutenção de um tônus afetivo e intelectual.

Novas propostas asilares devem ser engendradas. Se o asilo for uma habitação onde se congregam pessoas em desamparo familiar, urge reconstituir um ambiente de proteção e intimidade, e as ligações de

importância social devem ser uma nova norma. A cidade que abriga aqueles que, por circunstâncias, perderam os seus mais íntimos, não pode criar uma casa fechada onde se escondem pessoas abandonadas. Deve haver em propósito e em realidade a missão de resgatar a cidadania sob forma de ações de integração asilo-cidade. De outra parte, é inarredável a importância de aprendizagem e de um lazer que venha ao encontro da natureza artística e lúdica do ser humano.



UMA REVELADORA PESQUISA

Para oferecer maior consistência às sugestões e opiniões externadas, neste ensaio, resultado de trabalho, leituras e observações pretende-se, este artigo, tornar ainda maior a confiabilidade naquilo que foi pronunciado. Isabel Adrados, psicóloga e pesquisadora, realizou uma pesquisa aplicando o teste de avaliação de personalidade Roschach, um dos instrumentos mais completos de psicodiagnóstico, em 200 velhos. A população objeto de pesquisa era composta de 100 pessoas (metade homem, metade mulher) radicada nos seus lares. A outra parte da população de homens e mulheres com mais de sessenta anos distribuídos em dois grupos de cinquenta pessoas foi recolhida em instituições geriátricas. O resultado final desta investigação foi publicado no livro “Rorschach Teoria e Prática do Método na Terceira Idade”.

A intenção do presente escrito não é a de exaurir todos os elementos daquela obra, mas tão somente refletir sobre os dados animadores descobertos pela autora.

A educação continuada na terceira idade terá subsídios valiosos através do estudo de Isabel Adrados, uma vez que, traduzem o perfil psicológico dos idosos de várias camadas sociais. Outrossim, são consideráveis os resultados, uma vez que, apontam uma segura esperança para aqueles que buscam envelhecer com dignidade, ou tem como propósito auxiliar os mais velhos a terem resgatada a sua cidadania.

A pesquisa de Isabel Adrados afasta, vários preconceitos sociais, animando a todos que pretendem avançar no entendimento e nas formas de participação dos mais velhos na construção do homem e da sociedade.

A primeira impressão de análise feita pela autora no 2º capítulo é que, os mais velhos e mesmo a sociedade estão perplexos, pois que, pela Medicina preventiva, Farmacologia, Nutrição, Educação Física, a vida

pode ser prolongada, mas não se sabe o que fazer com ela. Os costumes adaptativos em torno da terceira idade ainda não estão suficientemente elaborados. Isto é, não sabemos ao certo o que fazer com os mais velhos nos asilos e nem com aqueles que ficam junto aos familiares. No psicodiagnóstico realizado pela autora, a primeira descoberta é de que existe uma tendência para a introversão. Há uma natural angústia diante das perdas e ameaças, promovendo-se um comportamento introvertido como uma defesa. Os internados se angustiam pelo abandono, somadas ainda as causas comuns de angústia daqueles que estão em suas casas, tais como a aposentadoria, as perdas, a insegurança econômica, a questão sexual, repressões de toda ordem e a morte. Os mais velhos, ao se defrontarem com esses limites, interiorizam as emoções. Ora, a agressividade interiorizada é causa fundamental de angústias e depressão (1 p. 19).

Parece que o mundo vivencial dos mais velhos retrai-se. “Talvez para não sofrer, (o indivíduo) procura gratificações no seu mundo interno, centrando-se nas suas motivações básicas” (1 p. 8).

Ao final do II capítulo, a autora revela que os velhos das instituições geriátricas são mais retraídos frente aos estímulos afetivos que os velhos que vivem nos seus lares.

Essa parte do estudo nos leva a crer que a dinâmica da personalidade está condicionada aos influxos dos estímulos sociais e que a qualidade das oportunidades pode determinar uma velhice com menos ou mais defesas.

Em outras palavras, é possível afirmar que, efetivamente, se podem promover situações mais ou menos favoráveis para o envelhecimento. O senescente, como adiante vai se ver, tem uma natureza disponível ao desenvolvimento, mas manifesta-se frágil diante de extremas limitações.

No terceiro capítulo a autora aborda a qualidade da percepção e a criatividade na terceira idade.

Desde o início do capítulo até o seu final, é revelado que o grupo de velhos que ainda está em suas casas se sai sempre melhor que os velhos que vivem em instituições geriátricas.

Percebeu Adrados que, no primeiro grupo, ocorreu num significativo número de protocolos “uma correlação entre perceptos de movimento humano e respostas globais”. (1 p.21).

Quando aparece essa harmoniosa proporção, é sinal que existe uma boa capacidade intelectual. Ao contrário do primeiro grupo, as respostas dos velhos asilados não apresentam a mesma tendência, diminuindo-se tanto as respostas originais como as respostas globais.

Entretanto, nos dois grupos, as respostas revelam respostas vivenciais introvertidas que conferem ao grupo certa conotação paranoide. Mas, como justifica Adrados, a realidade pouco generosa com eles leva a que se defendam, tornando-os mais defensivos.

Surpreendente é a vida interior dos mis velhos. A pesquisa junto ao grupo dos velhos que tem casa própria “demonstra que a vida da fantasia, a energia interna elaborada e a disposição do ego é superior à encontrada nas nossas amostras de crianças, adolescentes e adultos (estamos referindo-nos a amostras normais). De fato, os idosos que ainda residem nos seu lares, nas várias camadas sócio- culturais, apresentam um ego forte e equilibrado, refletem personalidades estáveis com menores índices de ansiedade e angústia que os adultos”. (1 p. 24).

Ao falar da criatividade na terceira idade, a autora diz que, independente dos anos, cada um tem uma idade essencial. Essa é uma conquista psicológica cheia de virtudes e potencialidades que, conforme a inserção e participação social, podem sempre estar mais ou menos desenvolvidas.

Citando Gilberto Freyre, a autora mostra que Graça Aranha renovou as letras em 1922, quando já era velho. Deodoro da Fonseca tornou-se revolucionário na velhice.



Bartolomeu de Las Casas lutava em favor dos índios como um adolescente, quando estava com 93 anos, e Cora Coralina começou a escrever poesia somente na terceira idade.

A pesquisa da autora, apesar de todos os limites a que todos os velhos estão submetidos, registra: “Os perceptos M (Movimento humano) tem relação com a criatividade; ela se mantém de acordo com os resultados de nossa pesquisa sobre Terceira Idade, até o fim da vida, a não ser que se instale uma esclerose demencial!. (1 p. 27).

!Para efeito do Método Rorschach, consideramos a criatividade como um fator da inteligência que, aliado a certa flexibilidade, permite o surgimento de elementos do inconsciente. Esses elementos, sublimados e potencializados pela força do ego, determinam produtos originais nos mais variados setores da cultura, da arte e de outros aspectos do conhecimento humano.

No método Rorschach, as possibilidades criativas do individuo podem ser detectadas pelo número e qualidade dos perceptos M (movimento humano),pela qualidade dos perceptos originais, pelo número, qualidade e conteúdo dos preceptores globais, simultâneo e sucessivo combinatórios, pela ausência de defesa que possibilite a emergência dos produtos do inconsciente, e a forma de serem elaborados e, finalmente, pelas características gerais do protocolo”. (1 p. 28).

Novamente, a pesquisa confirma que o grupo não asilado também tem melhores respostas no que tange à criatividade.

No quarto capítulo e último do interesse do presente trabalho, a autora faz o diagnóstico dos problemas psicológicos e mentais na terceira idade.

De um modo geral, avaliou Agrados, ficam reduzidas as demandas impulsivas do inconsciente. Seja, então: o componente emocional fica mais equilibrado na terceira idade.

A par da redução da libido proveniente do Id é observado, nas situações de envelhecimento patológico, em alguns casos de seus estudos, o que já outros pesquisadores haviam percebido: desvalorização, evasão, depressão, regressão a faixas etárias anteriores, ansiedade, sexualidade reprimida, necessidade de afeto e orientação para o passado. Isso em situações de agravamento daquelas características anormais de senilidade.

No grupo de velhos nos lares “o controle do pensamento lógico, ao nível de percentagem, apresentou 87% no sexo masculino e 89% no feminino, ou seja, a acuidade para observar e tirar conclusões concretas se conserva em nível elevado. (1 p.32).

Adrados ainda observa... “Não foram encontrados enfim,, problemas relativos à perda de identidade, nem de senso da realidade” (1 p. 33). No grupo de velhos internados, foram encontradas alterações de identidade. “A participação no pensamento coletivo e aceitação das convenções sociais, quando examinadas pela média de respostas populares, também foi significativamente inferior nos idosos abrigados em instituições geriátricas”. (1. p.33).

Nas doenças de neuroses obsessiva, “aparece uma diminuição e mesmo regressão, e o idoso como que adquire um novo estado de equilíbrio”. (1 p. 35).

“Quanto à histeria, de modo geral, a sintomatologia que caracterizava a doença em faixas etárias mais precoces, praticamente desaparece, em compensação, outros sintomas se fazem presentes, principalmente as somatizações pra aliviar o medo das doenças, da morte”, (1 p. 35).

Baseada na pesquisa, aponta Adrados para a depressão com as seguintes palavras: “Dentre as desordens afetivas, talvez a depressão seja a mais frequente na terceira idade, desde as formas mais severas, até os quadros mais ligeiros”. Mas logo a seguir avalia: “Porém, o que mais seniliza, incapacita, esclerosa, em todos os sentidos, e leva o idoso ao

desespero é o sentimento de marginalização que afeta mais intensamente os homens; as mulheres tem mais recursos, defesas de personalidade mais robustas”. (1 p. 35).

Demonstra esta pesquisa que, apenas por exceção, os velhos se tornam mentalmente doentes, não ultrapassando a 10% aqueles que se prostram diante dos limites de toda ordem impostos, a maioria deles pelo contexto social e cultural.

Tendo por base esta pesquisa, os educadores podem estar animados e seus esforços, se bem conduzidos, parece que não ficarão sem resultados. Fica clara a urgência na mudança dos costumes frente à terceira idade.

Parece que a pesquisa indica para uma nova gerontologia, principalmente junto aqueles que, pelas circunstâncias, são premidos a enfrentarem uma instituição de abrigo geriátrico. Essas casas concederiam aos seus abrigados uma nova postura se, de uma ou de outra forma, integrassem os seus clientes na participação social onde fossem envolvidos de tal maneira que pudessem sentir cada qual a sua afetiva importância.

Mais uma razão se impõe aos familiares que possuem em suas casas os pais ou avós com mais de sessenta anos. Parece que ninguém pode viver como se a missão já estivesse concluída. Os recursos psicológicos não podem ser preservados a não ser na relevância social daquele que envelhece. Um afeto e um trabalho intenso e constantemente feitos concedem qualidade a quem pretender viver e morrer bem.

OS ESTUDOS OU CURSOS NA TERCEIRA IDADE

“A felicidade perfeita consiste na atividade do pensamento”... e tenha (o homem) inteligência das coisas belas e divinas quer porque divina ela própria, que porque das coisas que estão em nós seja a mais divina. (2 p. 135).

1-Introdução

Nessas reflexões sobre a arte e a ciência de conduzir-se na terceira idade é bom que se medite sobre os estudos próprios sobre o envelhecimento humano. Um curso desta natureza parece que deve respeitar uma hierarquia de conteúdos tais que venham ao encontro das principais preocupações dos mais velhos.

A matéria sobre o envelhecimento humano parece extensa e ainda muitos conhecimentos estão sendo elaborados na direção da compreensão mais perfeita da natureza humana, de suas virtudes e atribuições quando chega aos sessenta anos e os seguintes.

Um curso, portanto, não pode ter a pretensão de exaurir os conhecimentos teóricos e práticos que venham contribuir com a felicidade humana. Parece que este intento perseguido em todos os tempos deve ser presidido pela ponderação de que nada subsiste sem algumas virtudes fundamentais, tais como hábitos de saúde, de exercícios físicos, de participação política, de afetividade, de arte, de justiça, de lazer ou divertimentos, de trabalho. Ou seja, os melhores cursos sobre a terceira idade serão aqueles que dão conta das atividades humanas que aperfeiçoam as pessoas.



Dois temas terão ocupação neste capítulo: a metodologia e os conteúdos.

2-Metodologia

Em todas as atividades grupais, as relações dependem do conceito do ser humano daqueles que as promovem. E parece que para os fins que se propõe este trabalho, o conceito de ser humano das pessoas que envelhecem é de terem todas as condições de seres humanos adultos, responsáveis, capazes de deliberar plenamente sobre o que lhes convém, ampliadas ainda as referências e animadas as possíveis ações pelo equilíbrio emocional e pelo tirocínio.

Portanto, o ser humano que envelhece sabidamente tem ainda maior potencialidade para o cumprimento de ações sociais solidárias e para ações que prescindem de preclaro entendimento e de uma ponderada vontade. Tendo esse entendimento, é claro que a metodologia de ensino será embasada em relações de co- participação e cooperação, tendo os alunos de terceira idade como centro.

Por outro lado, nos inícios das atividades acadêmicas convém superar um certo grau de ingenuidade que pode fazer com que se julgue que todos os mais velhos estejam dispostos e animados.

Para os cursos de reintegração dos mais velhos na convivência social ou plenificação da personalidade e cidadania na terceira idade, convém promover seminários ou cursos preparatórios de sensibilização para as condições de um feliz envelhecimento. Entretanto, em todos os momentos, os mais velhos devem ter sua presença e deliberação contemplados.



Na administração dos conteúdos, parece que faz bem ao desenvolvimento das atividades as seguintes atitudes:

- Criar uma alegre desconcentração e sensibilização afetiva do grupo

Esta atitude que atenta para o conhecimento mútuo do grupo e conjunta expressão de importância de cada participante poderá dar início às atividades grupais e deverá perpassar o dia a dia das atividades durante a ministração do curso. Essa atitude tem por finalidade demonstrar vivamente a alegria pelo retorno daqueles que estavam afastados, ou estavam sendo afastados das responsabilidades sociais. Os conteúdos tem por finalidade clarear a consciência dos participantes sobre a vida e seu significado na terceira idade, e esta atitude deve animar afetivamente, auxiliando a vontade na participação e permanência no grupo.

-Criar formas de participação na elaboração dos conteúdos e de sua avaliação

Além das aulas expositivas que adiante serão analisadas, deverão os alunos da terceira idade, **através** de pequenos estudos paralelos, levantamento de questões, debates em grupos, apresentação dos estudos particulares ou de grupo, resumos ao fim de aula, participar do desenvolvimento de sua aprendizagem.

Embora seja a frequência e o interesse manifestado referências louváveis, é necessário, de etapa em etapa, realizar a avaliação dos conteúdos e da metodologia pela qual são ministrados.

-Desenvolver conteúdos de uma forma prática

Na terceira idade, percebe-se uma disposição a que as informações digam respeito às preocupações de curto e médio prazo. De preferência, que as informações dadas sejam inseridas no dia a dia da vida dos mais velhos: isto é, as teorias, quando analisadas, devem ser clareadas em situações concretas.



A prática tem indicado que são animadoras as respostas dos alunos, quando os conhecimentos podem levar a uma efetiva mudança de hábitos. Em outras palavras, isto significa que os conhecimentos devem reforçar os cuidados e as atividades que promovem o bem estar. O que deve ser feito e o que deve ser evitado? Se nos passos da informação acompanhar o exercício, melhor. Assim, além de mostrar como escovar os dentes, é bom realizar com os curistas a escovação. No ensino da nutrição, é importante a formulação de diferentes cardápios. No cuidado com as articulações e os ossos, convém demonstrar, com os mais velhos, os adequados exercícios. Na intenção de se afastarem comportamentos inadequados, como o fumo, e o álcool, convém apresentar os sinais do malefício causado.

-Ter atenção nas horas de aula

O desconforto de uma carteira é diferente conforme a idade. As articulações e a musculatura padecem mais na terceira idade que em outra, vista sua sensibilidade com o movimento e/ou atividades de grupo. Parece recomendável que não mais de duas horas seja o tempo contínuo de atividades acadêmicas.

-Ter por antecipação a clareza de todo o curso

Por serem os mais velhos criteriosos e ponderados, faz bem que analisem e se motivem pela compreensão de todos os conteúdos e de suas finalidades. É bom que lhes diga, também, para responsabilizá-los melhor na participação e conseqüente desenvolvimento, do sentimento de importância e utilidade.

-Fazer notar que o curso não é um fim e que, ao finalizá-lo, poderá ter novas oportunidades.

Qualquer instituição que assuma um curso para a reeducação dos mais velhos fará melhor a sua tarefa se tiver consciência de que o curso seja o primeiro passo no resgate da cidadania. Os mais velhos já estão sensibilizados por muitas perdas e, por isso, é bom que, ao se oferecer uma oportunidade, esta não seja interrompida. Portanto, ao se iniciar a



reeducação esta deve ser globalizadora, enfocando sobremaneira os caminhos novos de participação social. De preferência, que a instituição promotora introduza os mais velhos na convivência e na ação social.

3- Dos Conteúdos

O fundamento da promoção dos cursos para a terceira idade reside, substancialmente, em que venha auxiliar os mais velhos na educação do corpo, no ânimo em torno das virtudes espirituais e psicológicas e no cumprimento da dignidade social.

Os cursos podem incorrer no perigo de criarem excessivas expectativas, portanto, deve-se evitar a euforia para que, ao final, não se tenha frustração. É verdade, pode-se pretender a longevidade e uma melhor qualidade de vida, mas em tudo, é imprescindível a justa razão em todos os instantes da ministração do curso em cujo programa podem estar contemplados os seguintes itens:

3.1- Nos conteúdos que pretendem promover a saúde na terceira idade, podem ser desenvolvidos, entre outros, os temas:

-O desenvolvimento da auto imagem.

-A atividade física: avaliação das aptidões físicas, ginástica, caminhada e natação.

-Nutrição: os nutrientes e características específicas. Os pratos e a saúde na Terceira Idade.

-As doenças cardíacas, respiratórias, diabete, hipertireoidismo, câncer, hipertensão, doenças genito- urinárias, doenças psiquiátricas.



-Coluna vertebral, fisioterapia, doenças degenerativas osteoarticulares.

-A saúde oral: patologias, as dores, periodontia, próteses.

3.2- Nos conteúdos que pretendem promover o lazer podem ser desenvolvidos, entre outros, os seguintes temas:

- A importância do lazer na terceira idade

-A literatura e as suas formas

- O teatro

-As artes plásticas

- O artesanato

- O cinema

- O turismo

3.3- Entre os temas e as atividades para o desenvolvimento dos conteúdos sobre serviços e compromisso social, podem estar contemplados os seguintes:

-A legislação e a terceira idade

-A aposentadoria

-Fundamentos do serviço social

-a importância de um projeto social na terceira idade

-Formas de serviços sociais e a terceira idade

-Visitas a instituições prestadoras de serviços

-Política e terceira idade

- Atitudes diante de um serviço social
- Preparação de crianças e adolescentes para a terceira idade

4- Conclusão

Esses temas tentam apenas abordar algumas questões, deixando de lado outras que podem ser inseridas, tais como história e terceira idade, sexualidade e terceira idade, espiritualidade, morte e outros assuntos não menos significativos que os abordados. O que se tentou enfatizar foram aqueles assuntos que pudessem concorrer para o resgate da dignidade humana na terceira idade.

CIDADANIA- IONSERÇÃO SOCIAL- TERCEIRA IDADE

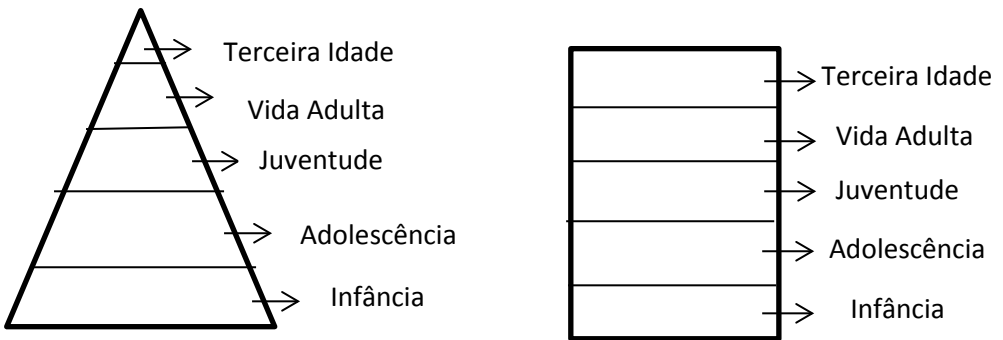
Ninguém se sente bem por ser visto bem por antigos respeitos ou por piedade. Ao contrário, quem é que não gosta de ser bem visto por que presta relevante serviço?

Quando se fala que o ser humano é um ser social, pretendem os estudiosos dizer que ninguém consegue realizar sua natureza humana isoladamente. A pessoa que se prende ao convívio e tem nele um reconhecimento sente-se valorizada e percebe, em palavras e ações, a sua específica importância. A solidão parece positiva, quando apenas é sinal de uma rápida interrupção do compromisso social. Quando ela é uma regra, então as pessoas ficam abatidas e deprimidas.

Um relevante ofício social permite que as pessoas nele envolvidas prestam atenção, informem-se, comuniquem-se com certo ardor e até paixão. Isso faz com que a memória como o pensamento permaneçam íntegros e qualificados. A importância particular não tem densidade na prática da individualidade, tornando assim as virtudes do querer, do lembrar, do pensar pouco desenvolvidas. Em outras palavras, pode-se afirmar que sozinho fica difícil ter vontade em torno de objetivos, ter ideias brilhantes e guardar as preciosas informações.

Parece que só na infância é permitido ao ser humano estar voltado somente sobre si mesmo. Dos 7 anos em diante, a criança inicia a caminhada humana pela cooperação. Na adolescência, surge o tempo da invenção de um novo mundo, geralmente melhor que o de seus pais. Isso ao menos em termos de seus sonhos. Depois da adolescência, vem o dito tempo da juventude que, na sua origem, significa o tempo em que o homem é capaz de ajudar. Em outras palavras, significa que ser jovem é prestar serviço e, enquanto a pessoa é capaz de estar inserida na atividade de um relevante serviço, ela pode ser considerada jovem. A vida adulta, por sua natureza, é o tempo da capacidade de proteger os mais

novos, doar-se em intimidade e governar as preocupações de uma cidade. Por um perverso costume histórico, afastaram os mais velhos das importâncias sociais. A explicação normal é de quem eram tão poucos os que envelheciam que não era motivo de preocupação para as sociedades. Isso até 1950. A partir de então, foi preciso organizar um novo entendimento a respeito da importância social daqueles que envelhecem, pois há toda uma população que cada vez mais avança em longevidade e número. Brevemente (2025), poderemos dizer que, na América Latina Temperada, a faixa etária dos mais velhos, isto é, depois dos sessenta, vai se equiparar em número com as outras faixas etárias. Isso é, em vez de haver uma pirâmide, haverá um retângulo perpendicular.



Fonte: Centro Internacional de Gerontologia Social.

Portanto, esse grupo social não pode ser ignorado. Deve ser aproveitado sob pena de se perder o que se tem de melhor em qualidade, pois, sem dúvidas, este grupo carrega uma significativa experiência de vida.

Nem os mais velhos podem se sentir bem no abandono e solidão, afastados do poder de influenciar na construção social, nem a sociedade

afastados do poder de influenciar na construção social, nem a sociedade pode prescindir de uma mão de obra tão capacitada. Talvez varie apenas a carga horária do trabalho e o vínculo com as instituições que se beneficiam do ofício dos mais velhos.

Não é por nada que é desejável que os mais velhos tenham o seu retorno garantido na convivência e serviço sociais. O que, acima de tudo, se quer é que seja concedido um meio para a felicidade de todos. É sempre um motivo de prazer para as pessoas, quando estas percebem que os outros se servem com alegria dos seus serviços. Não é nada agradável ninguém perceber que se existe. Ou seja: não faz bem nenhum passar as horas e todas elas sem um olhar de gratidão, de atenção e de demonstração de importância de cada um. Não é nada fácil sentir-se apenas um peso. E, quando as pessoas estão alquebradas, é certo e justo que possam ter seu amparo e atenção, mas, enquanto a vida permitir, é bom estar com os outros percebendo que se está participando da direção da história, tendo ela pouco das feições de quem a faz.

Em toda a natureza, tanto as plantas como os animais, cada um tem uma função social. As plantas e os animais que não tem mais o seu valor tendem a desaparecer. Em todas as sociedades, os mais velhos que servem ao grupo social tendem a ser bem vistos e estimados. Em grande parte dos grupos sociais, onde os mais velhos são estimados, existe uma atividade de menor volume de exigência mas as ações são significativas como as que se referem à conservação da memória da comunidade, à orientação dos mais jovens, às celebrações artísticas e religiosas e outras que dizem respeito à dignidade humana. No Ocidente, a legislação política era feita pelos senadores, os mais velhos do Estado. Na verdade, o sentimento de inutilidade é desolador e, portanto, a ação social, além de prover a pessoa de favoráveis circunstâncias na construção do perfil humano, afasta o fastio da inutilidade. Para onde quer que se olhe, é da natureza humana a prestação de um serviço que faz as pessoas se tornarem provedoras de sua cidadania e disso retirarem um agradável reconhecimento.

O serviço social e seus consequentes efeitos resultam também na conservação da memória e na agilidade no uso da razão lógica. O nível de satisfação em função do reconhecimento do fértil convívio faz melhorar não somente as duas citadas virtudes da consciência, mas amplia as possibilidades de melhoria no funcionamento biológico bem como no amplo sentimento de bem estar. Do ânimo. Aprimora-se, então, pelo serviço, a alegria de viver e a satisfação no convívio. Promove-se, além disso, uma sensação de consistente pertinência.

A linguagem ocidental associou a palavra jovem à prática do serviço. Será esta vinculação por mero acaso ou a sabedoria dos séculos forjou o entendimento de que a vida está cheia de vitalidade somente na proporção que esta seiva se estende aos outros?

Ninguém se vincula a alguém, a menos que, de alguma maneira, advenha disso um resultado favorável. Parece que, dentre todos os laços, aquele que se refere à importância do serviço é um dos mais fortes. O serviço pode ser de troca de experiências afetivas, de trabalho profissional ou de outras formas de benefícios oferecidos.

Vale uma reflexão sobre aqueles que se apresentam sem muita atenção. Existem comprovações científicas (21) que afirmam: se o tempo da aposentadoria reforçar o descompromisso, isso pode levar a um mau desempenho no desenvolvimento da auto imagem. As pessoas que envelhecem, então, ficam percebendo-se de uma forma a diminuir afirmações positivas em relação a si mesmas. Deduz-se disso que, de uma forma mais ou menos sistemática, é preciso interferir sobre o meio para dele retirar uma consistente ideia da própria personalidade. O descompromisso, portanto, inutiliza a densa sensação de pertencer a um grupo e sentir-se por ele amado.

Parece que as sociedades que permitem aos mais velhos equilibrarem seu tempo entre o serviço, o lazer, o recolhimento e a convivência tem um bom instrumento para auxiliar a população e a si mesmas. Isso significa que a vinculação a uma tarefa social, onde as

peçoas possam obter reconhecimento pelo benefício é apenas um dos meios de dar condição à realização na terceira idade.

As tarefas sociais não necessariamente sejam tão qualificadas; o mais importante resulta da satisfação que a obra realizada produz na pessoa que age. As pessoas mais velhas que guardam os jardins, que tricoteiam, que explicam aos mais jovens as origens da vila ou da cidade, que auxiliam nas creches, que participam de eventos sistemáticos, que cuidam dos companheiros de idade menos favorecidos, que escrevem, que cuidam de suas casa podem entender que o seu ofício seja uma vital contribuição social e terem, com isso, um alto nível de satisfação no reconhecimento por parte de quem é beneficiado. Não será relevante, portanto, a extensão do projeto de vida, mas a densidade pessoal de seu significado é que importa. Isto é, o projeto de vida é bom na medida em que serve para a pessoa que o elabora.

Posto isso, deve-se refletir que a ação social deve ser agradável, muito agradável. A primeira exigência para o serviço ser agradável é que ele seja de acordo com o dom de cada um. Outra exigência é que não seja um compromisso pesado, seja pelo horário, seja pela dificuldade da própria ação. Mais ainda: o resultado do ofício não pode ser muito distante. Preferencialmente, que a tarefa seja feita com reconhecimento aos benefícios colhidos através da afetividade que envolver as relações humanas na execução das tarefas.

Resumindo, podemos dizer:

1º O serviço social contribui para a saúde física e psicológica. O sentimento de importância mantém a higidez do corpo. Sabe-se também, que as funções da consciência (memória – imaginação – raciocínio) mantém-se em plenitude através de um efetivo contato com a realidade. Isso é: só a quem é dado praticar uma atividade que exija certos cuidados pela expectativa que os outros possuem em torno daquilo que é realizado é que pode manter um boa saúde.

2º A longevidade e a alegria de viver dependem de um projeto de vida que não pode limitar a não fazer nada. Quer se queira quer não se queira, um relevante serviço é manifestadamente um meio para um significativo projeto de vida.

3º É socialmente injustificável que se mantenha a vida em inanição durante um período de trinta a quarenta anos. Era compreensível que se descansasse depois da aposentadoria, quando em média, não se tinha mais que cinco anos depois dela. Assim como são postas as condições de vida, deve-se possuir relação de trabalho, para que não seja perturbado o equilíbrio entre a existência individual e a de grupo.

4º A solidão somente é afastada, quando se é decisivo em algum lugar. O valor das pessoas se eleva pelo prestígio do trabalho.

5º a realização da ação social pode não ser apreciada por todos aqueles que recebem o benefício deverão manifestar-se diante dos resultados. As crianças de uma creche, os companheiros mais velhos que recebem benefícios, os alunos de uma escola geralmente são pródigos em conferir prestígio quando recebem benefícios.



AS ALEGRIAS NA TERCEIRA IDADE

A arte de viver a terceira idade é um ofício de precisão. Tanto deve ser feito este ofício como deve ser bem feito. A vida e os homens oferecem situações de muita graça. Tanta beleza existe que não se pode perder. Se, por vezes, o corpo padece de alguns limites, a alma pode estar disposta a receber e a contemplar melhor toda a forma de arte. A arte de viver precisa das artes. Muitas pessoas poderão afirmar que nunca foram exercitadas numa boa música, ou não aprenderam a tomar gosto pela poesia. Outros viam a pintura mas nada lhes chamava a atenção. Mas pela generosidade e sensibilidade que estão, normalmente, à disposição dos mais velhos é possível adquirir relevantes hábitos de desenvolvimento artístico. De tanto ver, de tanto procurar o que é belo, as pessoas que tem mais idade podem alimentar-se da mais pura fonte de prazer espiritual: a arte.

Simone de Beauvoir, nas suas análises sobre a Terceira idade, tem revelado que a produção científica até pode declinar, mas a produção artística pode ganhar com a experiência dos anos.

Alguns autores orientam as pessoas para o desenvolvimento da criação artística. Pode esta questão ser vista das seguintes formas:

Toda pessoa pode permitir-se, porque lhe é próprio, o dom da superação dos limites. Na pintura, vê-se a harmonia quase perfeita das cores; na poesia, a fantasia encantadora; no cinema, o movimento perfeito; no teatro, a paixão e os sentimentos.

A arte é a própria invenção da realidade. Uma obra posta a público não se esgota em si mesma. É antes uma provocação a tirar de cada um os sentimentos que a perfeição pode provocar.

A pessoa não pode fugir da situação de estar encantada. O desapego e a sensibilidade das pessoas da terceira idade são meios favoráveis ao desenvolvimento do gosto artístico. A perfeição de uma

música clássica precisa de pessoas dispostas e capazes de escutar e permitir a invasão dos sons e sentimentos inebriantes que podem ser colhidos.

O gosto artístico é um processo. Isto é: pode ser aperfeiçoado. A música sertaneja ou os versos populares podem ser meios que agradam algumas pessoas. Entretanto, não são somente estes sons e versos populares que podem causar prazer. Isto é, não se esgota na pouca elaboração sonora ou poética a arte de uma pessoa. Com um pouco de boa vontade, pode-se tirar bem mais da alma humana.

Uma atitude favorável para o desenvolvimento artístico é apreciar e debruçar-se sobre expressões artísticas mais elaboradas. Em vez de versos populares onde prevaleça a rima sobre o conteúdo poético das palavras, é interessante que se possa ler textos poéticos de Fernando Pessoa ou de Mário Quintana e tantos outros tidos pela crítica literária como de maior valor.

Não menos importante, é ter cada um a si mesmo como um ser aberto e não concluído. Ninguém, por certo, poderia dizer que já está muito idoso para mudar. O homem pode ter a si mesmo como objeto de criação. Exige habilidade o jeito constante de buscar em tudo um pouco de novidade e prazer. Por isso, pode-se dizer que cada um pode ser obra de sua própria arte.

Uma boa disposição para viver as obras de arte é ter sensibilidade e não necessariamente grande inteligência. É ter uma disposição interna para o diálogo com aquele que cria a arte e para o diálogo consigo mesmo na medida em que ouve seus próprios anseios para o belo. Quem é que nunca se comoveu diante de palavras ditas, ou de sons harmoniosos, ou diante dos quadros de Van Gogh?

Apreciar a arte é ir ao encontro da vida feita à imagem do homem. É acordar-se ou despertar-se. A vontade do homem é que o capacita a dizer: não vou ficar mais tão pequeno como estou; posso tirar uma sorte de belezas feitas e sentidas pelos outros e vou compartilhá-las.



É uma boa decisão aquela de ir ao encontro do esplendor feito no ser humano que habita em cada um.

Tanto para a criação artística como para a sua apreciação auxiliam o conhecimento técnico ou habilidade desenvolvida sobre uma determinada expressão artística; a emoção assim como a iluminação interior que é a compreensão repentina de uma realidade. Assim, nos quadros de Van Gogh, o autor desenvolveu uma técnica expressionista, onde a deformação da realidade diz, com maior transparência, a reformulação de uma realidade percebida artisticamente. A paixão humana pela vida, juntamente com a inquietude que transcende ao trivial, é que faz a pessoa poder sentir o belo. A arte pode ser vista como a busca de algo que o dia a dia não nos dá. É ir além do dia a dia mesmo que este seja trivial. Assim “Os comedores de Batata” de Van Gogh expressa um humilde ato de gente pobre, mas a beleza reside nesta espécie de devoção e tristeza profunda que habita aqueles que comem. A beleza não está em apenas retratar: é reinventar um fato em nível pessoal carregado de um entendimento, de uma técnica e de uma paixão.

Na obra de arte tanto feita como apreciada, há uma comovente transcendência. Mergulha a pessoa no seu interior e de lá retira insondáveis sentimentos de toda ordem: é a reinvenção da natureza. Talvez seja esta a perspectiva divina existente no homem da qual nos fala Aristóteles. A arte é como virtude, pois que, para ir além da vulgaridade, é preciso dar-se cada um ao costume de retirar de si melhor. É o sentimento artístico, talvez, o que de melhor se pode colher em vida.

Diz Aristóteles que é justo que cada um seja levado ao prazer: “pois que lhe aperfeiçoa ele o viver, coisa de todos desejada”.

“Aqueles que gostam de flauta, se acontecer ouvirem tocar a flauta, ficam reduzidos a não poder mais prestar atenção aos raciocínios, porque provam maior deleite na habilidade em tocar a flauta do que na atividade que então os ocupava”. (2 p. 129). A arte, por estas palavras fica demonstrado, produz um prazer que pode fazer com que a vida possa transcorrer felizmente.



A arte não pode ser afastada da vida, porque nos dá a ideia de perfeição, e as coisas perfeitas nos aproximam da felicidade; ainda mais as que dizem respeito a todo ser humano como aquela de atrair-se pelas artes e delas tirar um bom momento da vida. Cumpre-se nada mais nada menos que uma parte da humanidade, quando se permite a apreciação da arte, mesmo que seja só uma, a de nossa preferência.

A arte concorre para que a terceira idade se plenifique. A arte tem tudo para se dar bem com a terceira idade. Na terceira idade, a pessoa torna-se sensível, e a arte precisa desta característica para poder se expressar. A terceira idade tem o sentido da transcendência e a arte é, por excelência, o dom de ir além do vulgar. A terceira idade tem a experiência tão bem definida e, por isso, a percepção é larga e generosa, e a arte, para ser expressa ou sentida, precisa das pessoas iluminadas nas paixões criadas ao longo dos anos. A arte precisa um pouco de recolhimento e isto, na terceira idade, é mais viável que no tempo de agitação. A arte precisa do coração e coração é que não falta para aqueles que envelhecem.

A apreciação artística é a criação do mundo segundo a intuição, ou a penetração de cada um diante de imagens ou sons revelados. É uma terna comunhão na qual o ser das coisas se revela graciosamente na alma humana. Os mais velhos já realizaram uma comunhão com o seu mundo. Foram tocados por toda sorte de eventos. De todos os lados e de todas as formas, voaram os pássaros e todos os animais, todas as cores já povoaram o ser daqueles que estão, na maior idade. Os sonhos quase todos da humanidade já andaram rondando a casa dos que tiveram tempo e um pouco de ilusão. A sonoridade soprou no ouvido, até desatento, por longos anos. Somente quem não se debruçou com devoção em nada, guardará pouco ou quase nada dentro de si. E mesmo os sofridos de longas caminhadas poderão ainda exhibir um ardente sentimento e estarem encantados.

Mas de todas as formas que se focalizar a apreciação da arte, não se pode fugir de dizer que esta apreciação é sempre individual. Em cada um, acontece a arte e é intransferível o seu valor. O máximo que se pode

fazer para alguém que busca é instruí-lo sobre técnicas, e o tempo em que foi produzida a obra artística. O gosto dos sentimentos e das visões não são transferidas. Portanto a questão artística é uma conquista pessoal.

CONVERSA FINAL

Uma monografia acadêmica deve ser encerrada com uma conclusão a mais neutra, sisuda e densa possível. A objetividade científica é matemática e irrefutável pela consistência interna dos dados que devem comprovar uma hipótese.

Esta monografia não é acadêmica e pretende afastar-se da linguagem feita numa tese sem afeto. Está mais em busca de um conhecimento envolto em experiência e vivências do que em cálculos estatísticos. Posso, portanto, concluir contando histórias sem o positivismo insípido de uma verdade cheia de gráficos. Intuir é também uma forma de conhecer e, na ação educacional, a mão do educador importa tanto quanto uma fulgurante teoria. Possam três histórias dizer alguma verdade que venha auxiliar a mão de quem educa.

A primeira pode ser intitulada:

“O Dente do Meu Avô”

Não tinha eu mais de 8 anos, quando meu avô, antes de morrer, veio repartir os seus sobrantes poucos bens. Veio dar a meu pai parte de sua herança que era quase nada. Era quase o entardecer e vejo-o ainda com sua boca murcha sustentada na frente por um dente só. Perguntei à minha mãe por que não repunha o avô os seus dentes. Respondeu-me como se isso não pudesse ser diferente.

-Pois, meu filho, o teu avô diz que vai morrer logo, por isso acha que não vale a pena gastar com dentes novos.

Fiquei o resto do dia até a noite chegar, imaginando como ficaria meu avô com a boca cheia de dentes novos.

De nada adiantou a minha imaginação. De fato, o meu avô veio a falecer pouco tempo depois. Vi, então, meu pai entristecer-se toda uma tarde como se nada se pudesse fazer nem sobre os dentes perdidos, nem sobre a vida depois dos sessenta a não ser esperar a morte chegar, enquanto se reparte o pouco com aqueles que ficam.

A segunda história pode ser intitulada:

“A Velha que não Tinha Jeito de Morrer”

Aos poucos, as escotilhas forma se fechando, e as máquinas do corpo se enfraquecendo. Tinham 100 anos de funcionamento e não tinha jeito de parar. Mas já trabalhavam desconfortavelmente. Quando chegou aos 105, tudo estava em ritmo final que só deitada que a velha senhora se segurava. Um dia, porém, impacientou-se com a morte que não chegava e dizia:” Se a vida me quis tanto bem, por que não há de me querer bem a morte?” Tosca e mirrada até já estava mas com uma lucidez que até parecia que lhe tinham aceso um lume eterno. Sempre fora muito devota tendo seus pequenos deuses submissos todos eles ao único e verdadeiro. Tinha no vento e na chuva, no sol e nas estrelas, nas árvores e nos momentos uma certa devoção. Parecia até uma velha índia mexicana de tão devota em seus mágicos pensamentos. Por isso, desenvolveu a seguinte reflexão: “cochila o Senhor enquanto eu vivo, vou chamar um de seus ministros para acordá-lo e dizer que me leve para seus infinitos vales”.

Mandaram chamar um padre conhecido por todos em suas capacidades de lidar com os mistérios de Deus. Assim foi feito e veio o sacerdote habilitado em despedir cristãos em paz depois de feitas suas singulares e comuns tarefas. Falou serenamente: “Vou fazer-lhe uma

oração para os que partem enquanto ungir a sua fronte com o óleo do Senhor. Também vou acender esta vela e, quando se apagar a chama, será sinal de teu último sopro”. Assim foi feito, porém, quando a chama se extinguiu, chamou o padre para perto de si e disse-lhe: “Não tem mais um pouquinho dessa luz?”

A terceira história é retirada do filme:

“Viver” de Kurusarwa:

O velho Watanabe era um cidadão, chefe de uma seção pública, responsável pelo Setor da Cidadania de sua cidade. Como a maioria de todos os funcionários públicos, cumpria uma rotina e não se envolvia com o serviço. As pessoas que o procuravam normalmente eram enviadas para outros setores e, como geralmente acontece, nada acontecia. Aos trinta anos de serviço quando, então, já envelhecia, começou a sentir dores na altura do estômago e ali foi constatado um câncer. Mandaram-no fazer o que bem entendesse. Ficou perplexo e viu que não tinha mais que seis meses de vida. Ao chegar em casa, ouviu uma conversa particular de uma filha com seu marido que, por sua vez, já faziam conjecturas sobre a herança dos cem mil yens que lhes restariam com o falecimento. Nada mau para quem é pobre no Japão. Foi profunda a decepção do Senhor Watanabe, o cidadão que não tinha vivido e estava prestes a morrer.

Retirou-se de sua casa e foi alugar uma pequena peça com um poeta que escrevia novelas. Decidiu que este seria o seu mestre que o ajudaria a gastar rigorosamente bem o seu dinheiro e seus últimos dias. Conheceu alguns divertimentos e, no meio de um deles, cantou uma comovente canção:

“Apaixona-se, querida.

A vida é tão curta.



Apaixona-se,
Enquanto os lábios tiverem cor”.

Sentia, na medida que cantava, uma inspiração para a vida de tal ordem que lhe brilhavam os olhos e escorreu-lhe uma lágrima, tamanha começou nele a vontade de viver

Por estes dias nos quais andava perplexo, deixou de ir ao seu rotineiro trabalho.. Mas foi procurado por uma de suas funcionárias da Seção de Cidadania que lhe veio ao encontro dizendo que estava cansada da vida que levava na repartição, por isso vinha-lhe pedir que assinasse o pedido demissão. Disse mais a funcionária rebelde com seu trabalho: “ duas coisas apenas quebraram a rotina nos últimos tempos. A ausência do chefe no trabalho e o novo chapéu que ele usava. Por isso mal o tinha reconhecido”.

Pediu-lhe Watanabe que fosse com ele e daí a uma afetiva aproximação em relação à exuberante moça não foi mais que um passo. Ele agarrou-se à força interior que brotava de sua corajosa ex-funcionária que buscava por uma pequena fábrica de brinquedos. Ela, porém, temia que o velho dela se apaixonasse. Mas dessa preocupação o velho a livrou ao dizer que o que lhe atraía era sua disposição para a vida e sua decisão em fazer a sua pequena empresa. E isso foi o suficiente. Foi a sua ex-funcionária para a sua empresa e voltou o Senhor Watanabe ao seu serviço. A todos causou admiração ver o velho, que já tinha como morto, tão disposto, pois que saudava a todos com alegria, coisa que nunca fizera.

Ao analisar o primeiro pedido entre tantos, tantos e tantos pedidos, percebeu que aí poder residir uma tarefa: solicitava o requerimento que fosse construído um parque numa área muito populosa. Imediatamente, o seu assessor e o assessor de seu assessor sustentaram-lhe que este era um assunto de Seção de Parques e não da Seção de Cidadania. Mas ele resistiu e fez do pedido uma causa. Moveu outras seções que em

administração pública são tantas que é para se ter desculpas para nada se fazer. Incansável foi, até, seu esforço. Realmente, estava decidido e dessa decisão saiu um parque à imagem e semelhança da paixão de seu executor.

De fato, passados os seis meses, veio a falecer. No seu velório, vieram velá-lo e rezar por ele as pessoas das outras sessões e também a SUA FILHA. Lembravam de seu encantador exemplo. Mais encantador de todos foi o testemunho da guarda do parque que veio rezar e trazer o chapéu do Senhor Watanabe. Assim falou: “Quando passava pelo parque, guardando a cidade, ouvi uma voz cantando, enquanto a neve caía. Pensei que fosse um bêbado mas era o Senhor Watanabe antes de morrer. E lembro do seu canto:

“Apaixona-se, querida.

A vida é tão curta.

Apaixona-se,

Enquanto os lábios tiverem cor”.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Associação Cultural

